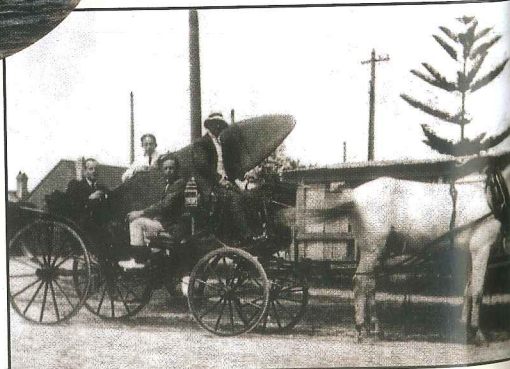
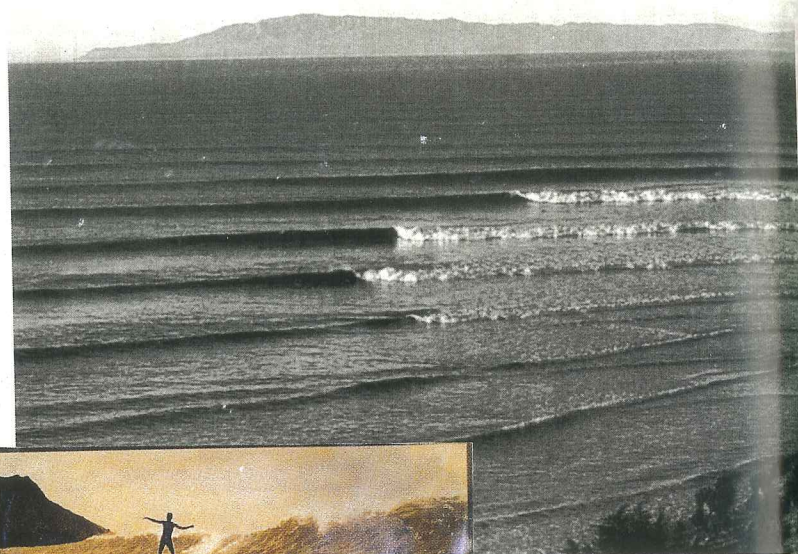
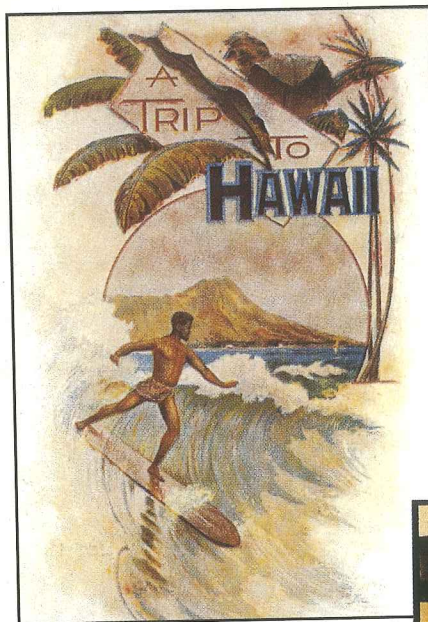


Surf Gênese 2

O Renascimento do Surf



Em "O Renascimento do Surf", você descobrirá que por muito pouco o surf não foi mais um hábito extinto de uma cultura extinta. Conhecerá detalhes sobre a vida de Duke Kahanamoku e saberá como, e porque, ele foi responsável pela ressurreição do surf no Havaí e por sua introdução na Austrália. E mais, será apresentado a George Freeth, o irlandês que levou o surf para a Califórnia. Viaje no tempo!

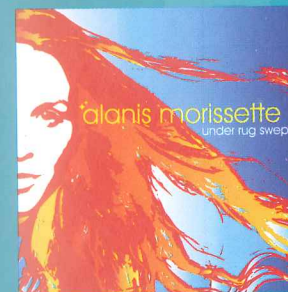
9' 1" SOLID REDWOOD
MADE IN
1922
WEIGHT: 62 LBS.



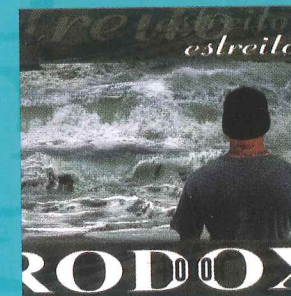
Um presente Alma Surf & Warner

Ganhe CDs lendo o *Surf Gênese!*

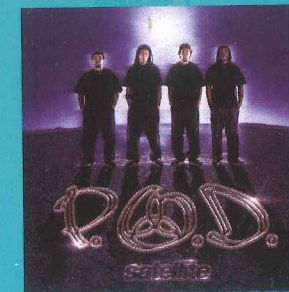
Responda à pergunta que está no verso desta tira, preencha o cupom e envie pelo correio para: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 - São Paulo-SP - CEP 05716-060. As 40 primeiras cartas que chegarem à redação com a resposta correta receberão um dos CDs abaixo:



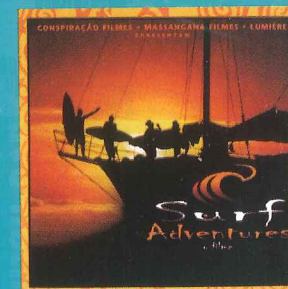
Alanis Morissette, a cantora canadense do momento



Novo trabalho de Rodolfo ex-Raimundos



A banda californiana que está arrebatando nos EUA



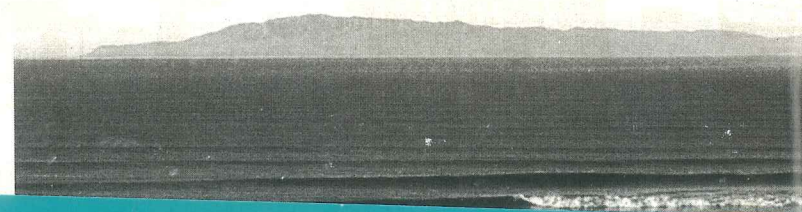
Trilha sonora do filme, para você lembrar aquelas imagens alucinantes.

O Renascimento do Surf

Capítulo II

Surf Gênese 2

O Renascimento do Surf



Pergunta: Em que dia, mês, ano e local nasceu Duke Kahanamoku?
 Resposta:

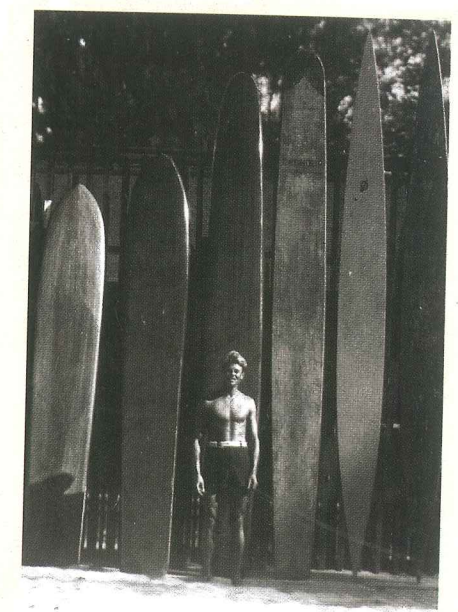
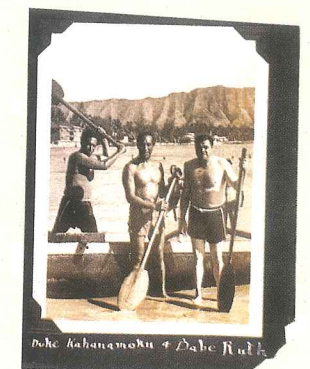
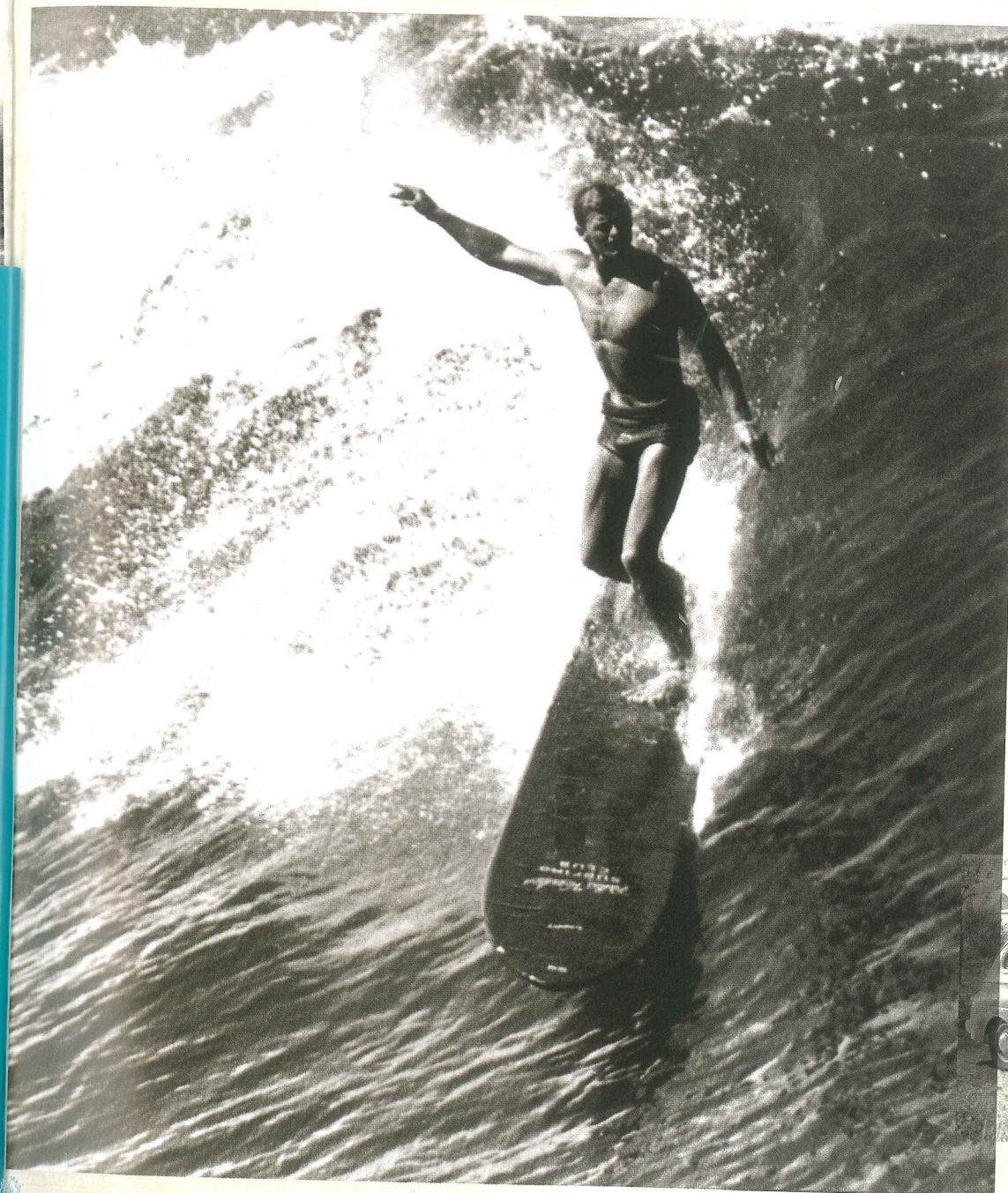
Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ Estado: _____ Bairro: _____ CEP: _____
 Tel.: _____ e-mail: _____

CD opção 1:
 Alanis Morissette Rodox P.O.D. Surf Adventures
 CD opção 2:
 Alanis Morissette Rodox P.O.D. Surf Adventures

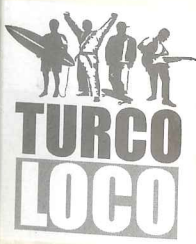
Obs.: Caso o CD de sua escolha tenha se esgotado, encaminharemos a segunda opção ou a que estiver disponível.

cortesia:

 WARNER MUSIC
 BRASIL



responsável pela ressurreição
 do surf no Havaí e por sua introdução
 na Austrália. E mais, será apresentado
 a George Freeth, o irlandês que levou
 o surf para a Califórnia. Viaje no tempo!



1" SOLID REDWOOD
 MADE IN
 1922
 WEIGHT: 62 LBS.



24

Rico 50 anos
Surf life



32

Eraldo e Burle
O melhor inverno de nossas vidas



40

MARCOS BRILLANTI
Surf Arte
Pintura sua verdadeira vocação



74

Portfólio
Beto Paes Leme

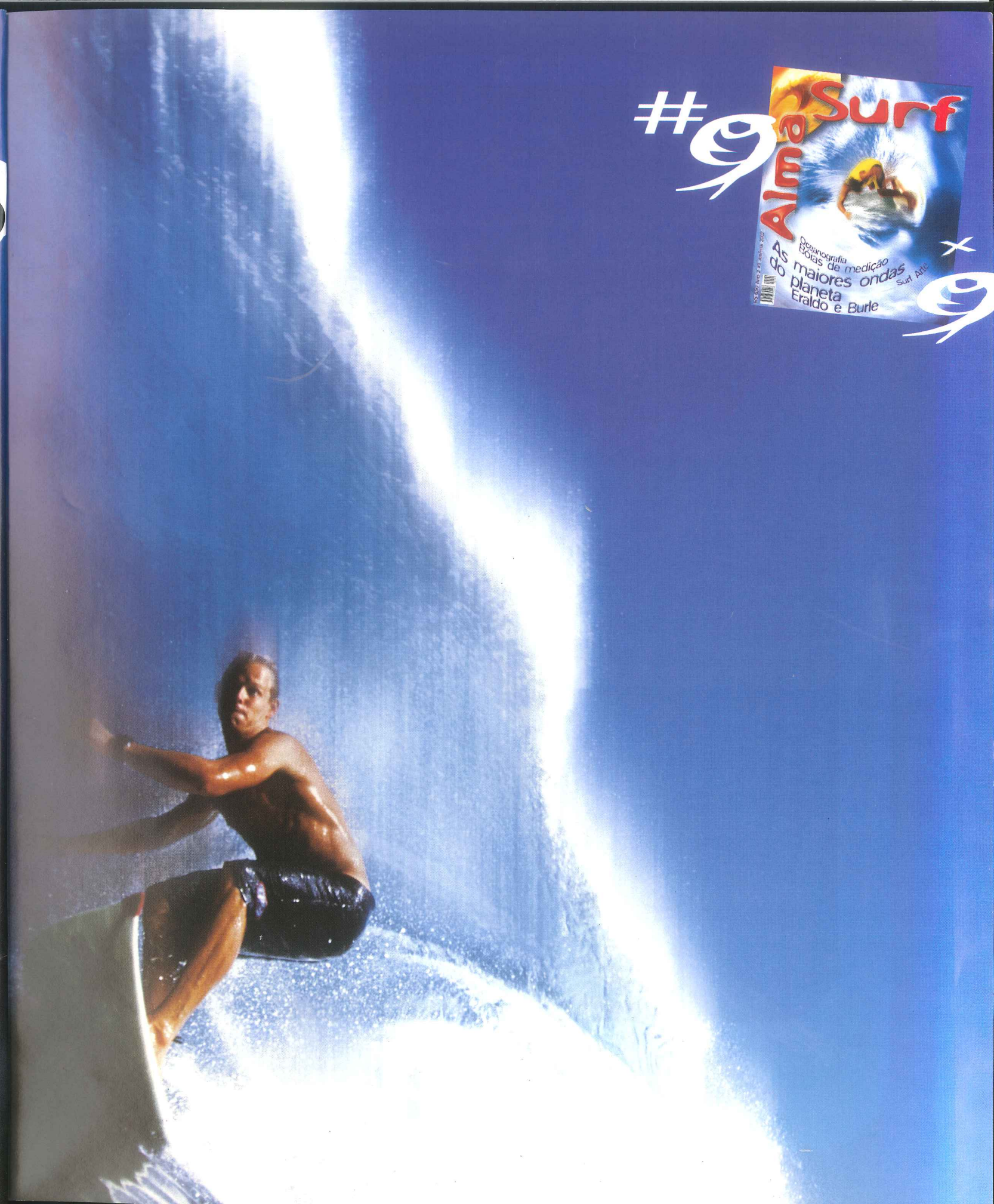


86

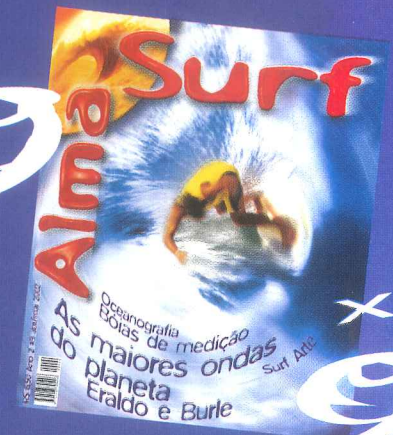
Kaikamahine
As filhas do Surf

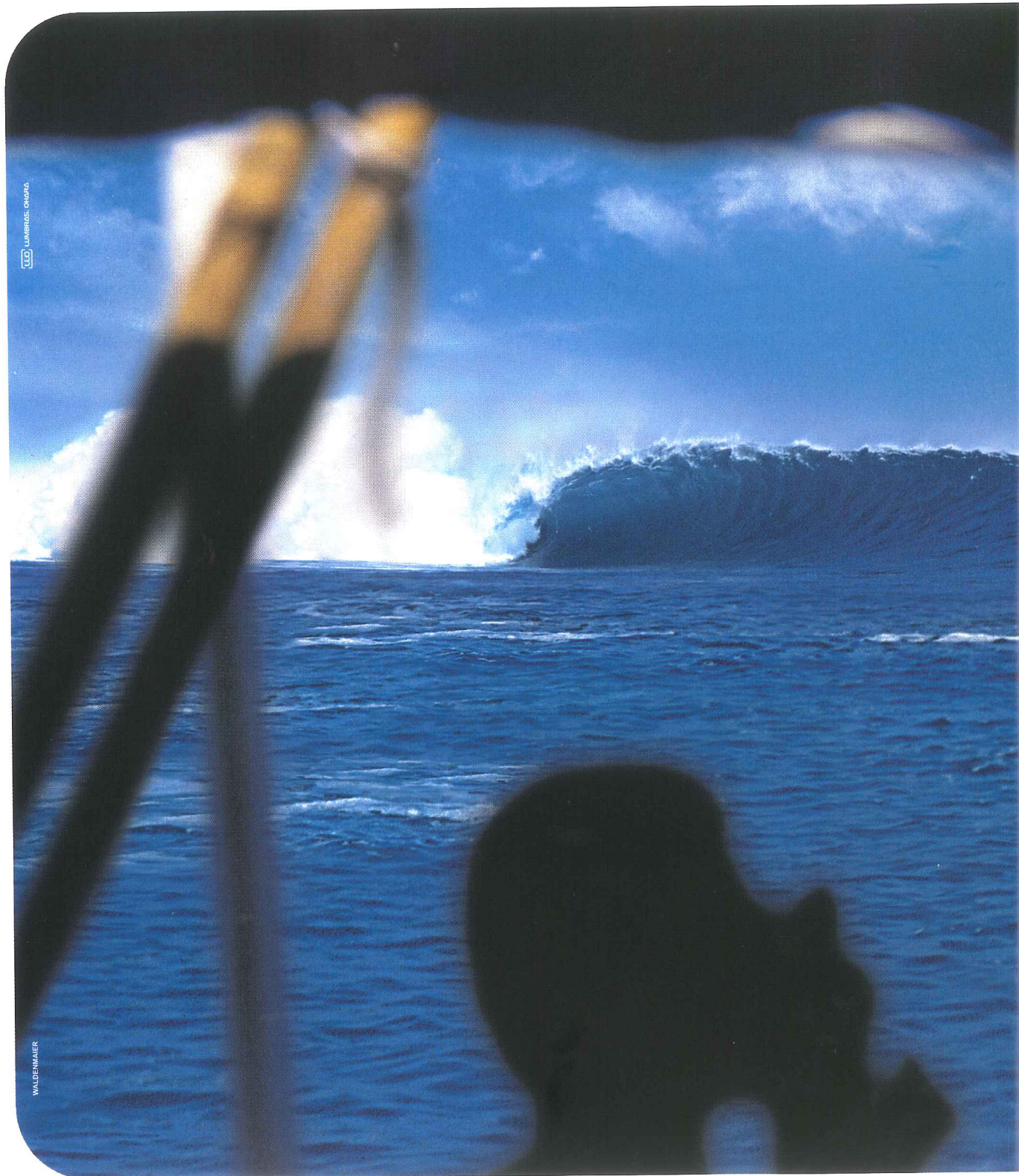
Movimentos

Foto capa Getty Images



#9

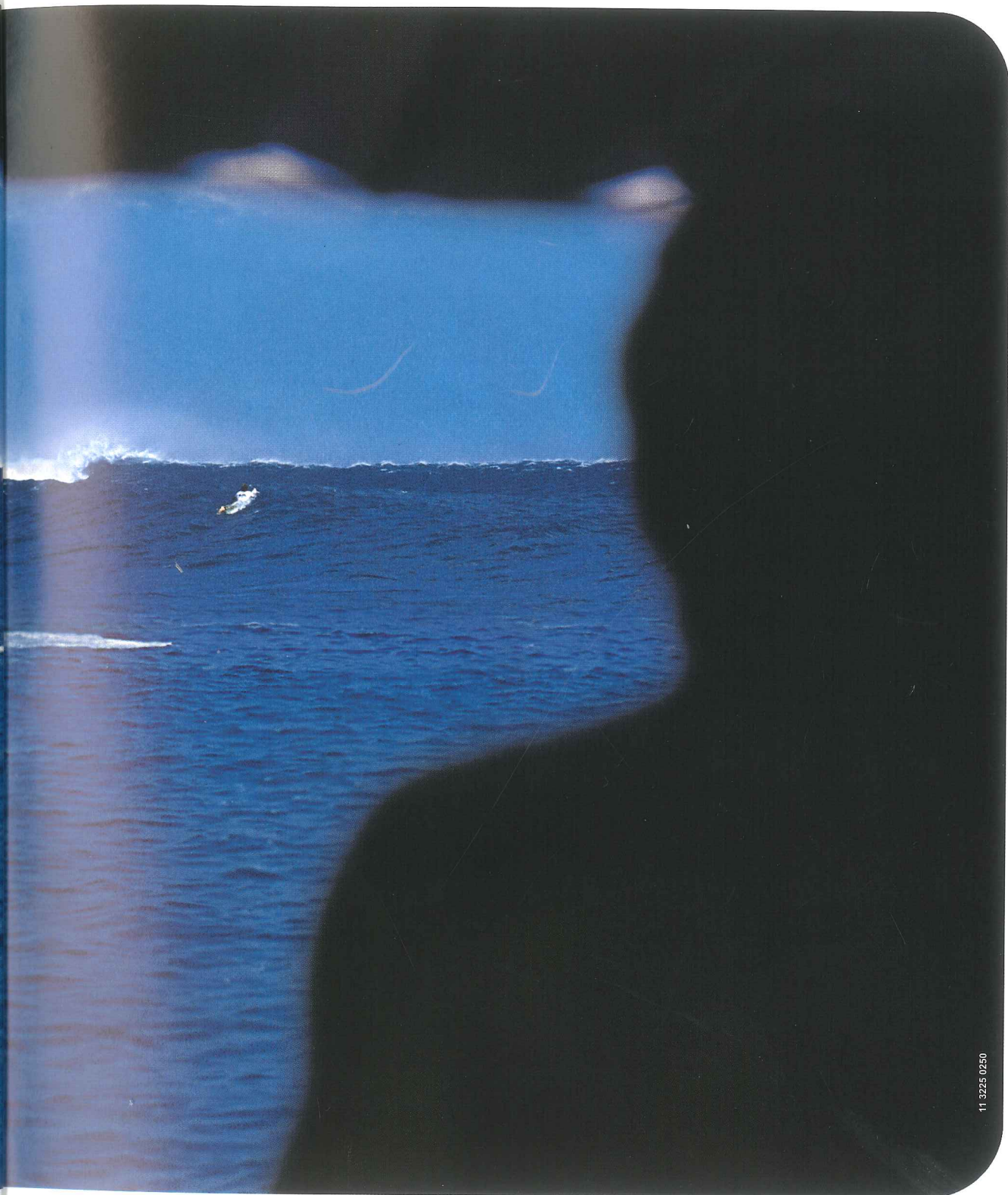




LUMINUS ONYX

WALDENMAIER

GRAJAGAN, JAVA.



11 3225 0250

HANG LOOSE 

Fabio de La Rosa vencendo
 todos os seus limites,
 puro **RED NOSE** !!!!



Fabio de La Rosa (Wake Board Red Nose Team)
 Campeão Paulista Profissional 2001
 Atual Líder do Ranking Brasileiro Profissional 2002

www.rednosextreme.com.br



Faça como Fabio de La Rosa
 Seja você também um **RED NOSE** !!!!



www.naturalart.com.br



photos: mercury

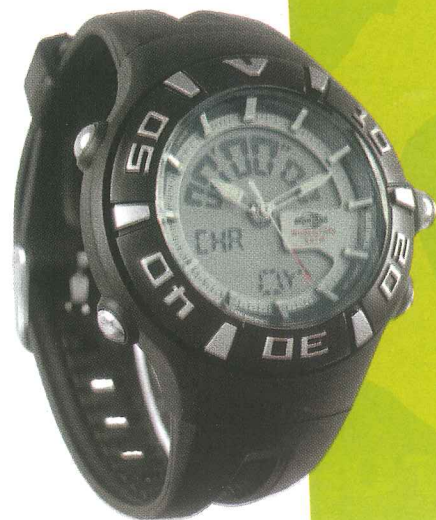
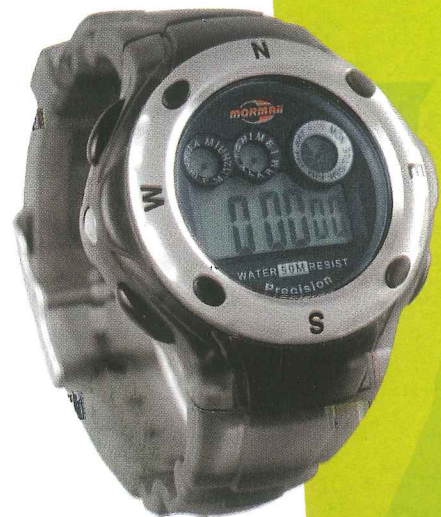


ATTITUDE PULL IN PLEASURE
Amauri "Piu" Pereira • Mexican Express

(013) 9234-4727



NATURAL ART



Quality

Watches

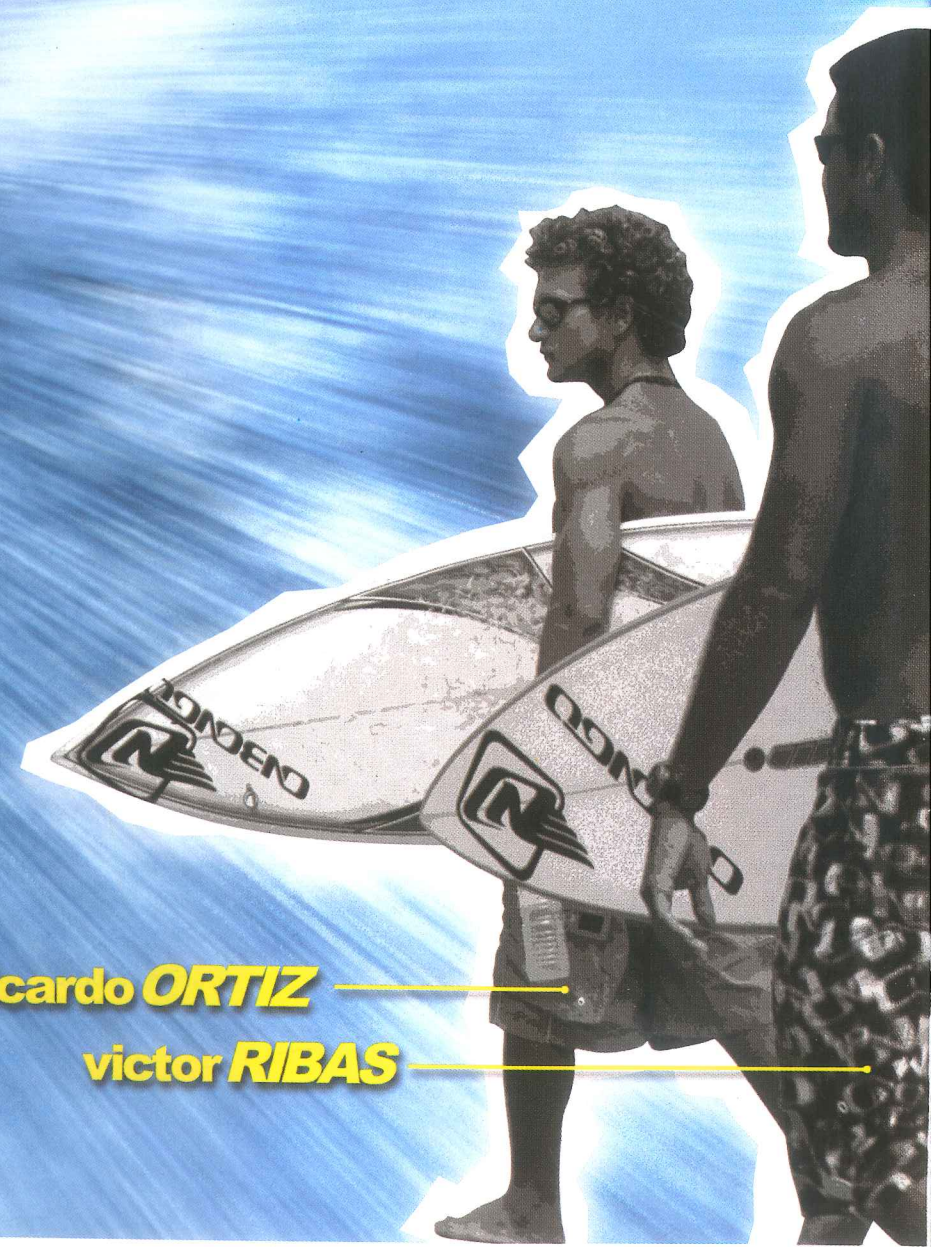
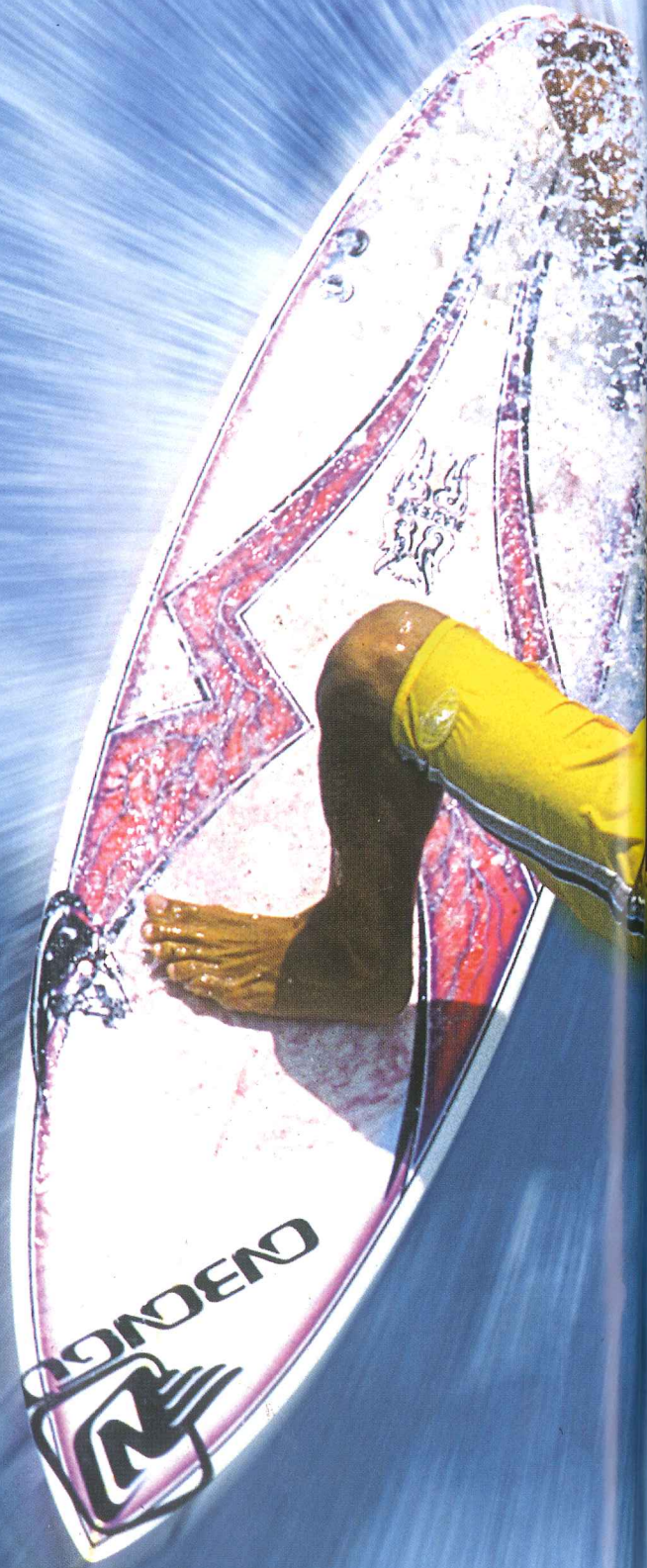
Everaldo Pato Teixeira



Foto: Agobar Jr. Tãhiti



WAVE



ricardo **ORTIZ**

victor **RIBAS**

Surf A energia do movimento

No meio do turbilhão de fechamento de edição (e que edição), me dei conta do movimento que estamos formando. O surf vem extrapolando seus limites esportivos, comportamentais, mercadológicos e até filosóficos. Esta revista é um retrato disso: nossa abordagem oceanográfica mostra a pioneira marcação oceânica com bóias de medição de ondas no litoral catarinense; o perfil pioneiro de Rico de Souza no auge dos seus 50 anos de puro surf; a dupla Eraldo & Burle está presente, com conquistas inéditas e inimagináveis até ontem; as princesas do surf, invadindo a praia, trazendo a meiguice e a delicadeza próprias das princesas... Celebramos esse movimento com um tributo, "Energia em movimento", matéria totalmente em blur, que define o estado de espírito da equipe neste momento. Homenageamos nosso fotógrafo sênior, Beto Paes Leme, com um ensaio que é de chorar. Na verdade, nesta edição temos ainda o segundo capítulo do livro *Surf gênese - O renascimento do surf*, que colabora ainda mais para emocionar até os mais travados. A sensação de estarmos com o movimento surf em curso aflora de diversas e surpreendentes maneiras, porém a mais perceptível é o retorno à essência e às tradições do surf, que na verdade

editorial

é um paradoxo de toda essa modernidade. No mundo todo, estamos assistindo ao surf glorificar suas raízes e paternalizar seus praticantes com "a energia do movimento", que dirige a vida de qualquer felizardo contaminado. Seja parte deste movimento, viva o surf, vista o surf, divulgue o surf, não valorize o que não está no movimento. Como saber o que está no movimento? É só surfar...

Busque seu eu superior; medite, surf e brinque.

Aloha

Romeu

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho
maria@almasurf.com.br

ALMA SURF
Publisher
Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Editor
Rosaldo Cavalcanti
rcavalcanti@almasurf.com.br

Diretor de Arte
Fernando Mesquita
fmesquita@almasurf.com.br

Chefe de Redação
Alberto J. R. Woodward
alwoodward@almasurf.com.br

Assistentes de Arte
Andréa Bacellar
andrea@almasurf.com.br

Guilherme Tremante
gui@almasurf.com.br

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:
Texto
Prof. Eloi Melo, Taiu Bueno.

Fotografia
Beto Paes Leme, Caio Martins, Clemente Coutinho, Flávio Vidigal, Getty Images, Grant Ellis, Kin Kimoto, Patrick McFeeley, Rick Werneck, Ricardo Inoue, Roberto Price, Sean Davey, Sílvia Winick.

Departamento Comercial
Carmen Lúcia Mello Silva
carmen@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Floriane Sales
floriane@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A.- Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito
CyberGraf

Papel
Hanno Art Gloss

Impressão
Grande ABC

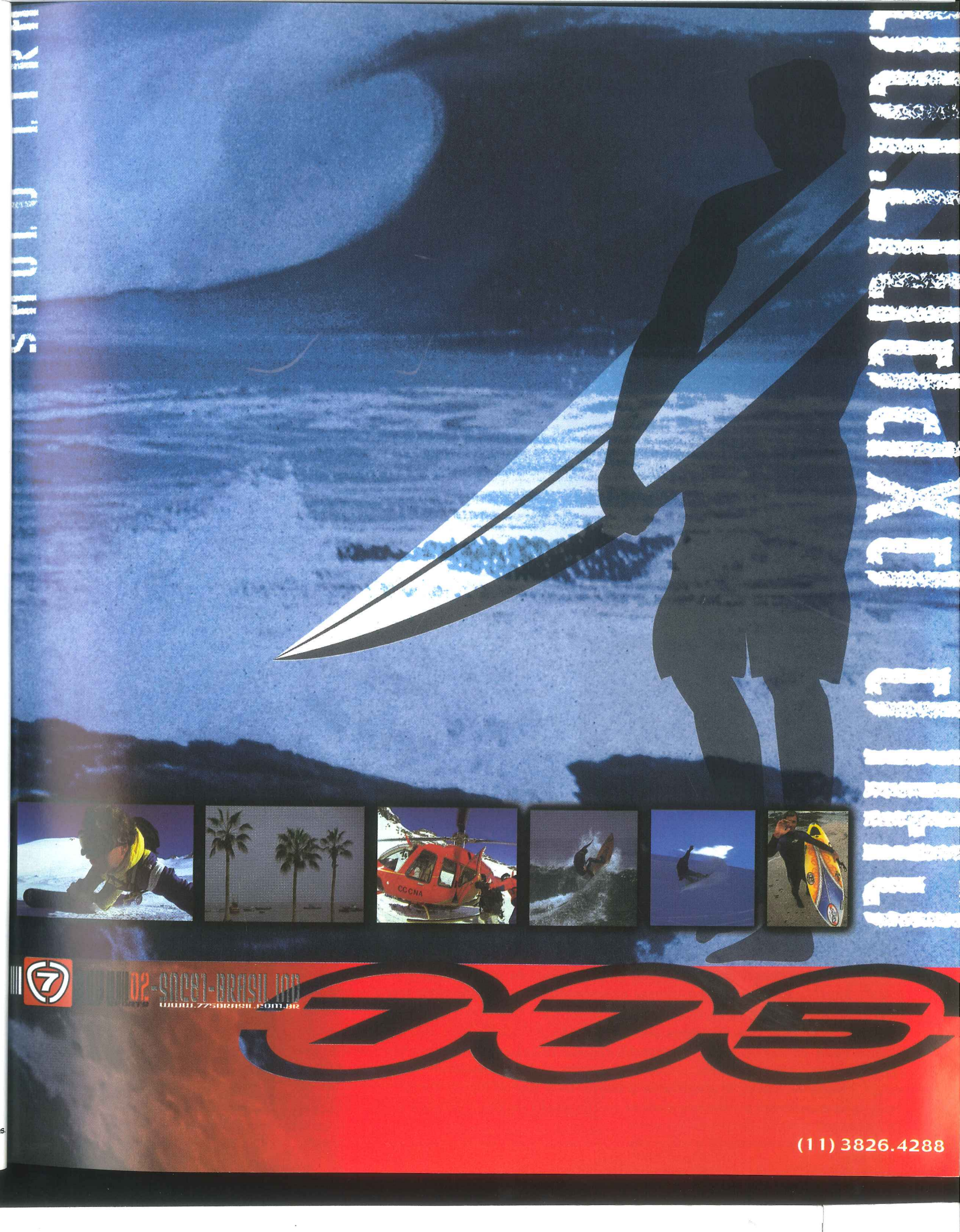
Jornalista Responsável
Alberto J. R. Woodward
MTB 1822

A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295,
Morumbi - São Paulo - SP
CEP: 05716-060
Telefone: (11) 3744 3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3507 0830
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição 30.000 exemplares



PROGRAMA DE INFORMAÇÃO COSTEIRA ONDAS ON LINE NO BRASIL

Desde o início do ano, o Brasil conta com um serviço de monitoramento das condições do mar com informações disponibilizadas gratuitamente à comunidade, em tempo real, via internet. O serviço, realizado pelo Laboratório de Hidráulica Marítima da Universidade Federal de Santa Catarina, é parte do projeto de pesquisa Programa de Informação Costeira Marítima - On Line (PIC), patrocinado pelo CNPq e pela Funcitec, e que conta com o apoio do Ibama e da Petrobras. O monitoramento das ondas é feito por uma bóia medidora de ondas - no jargão técnico, "ondógrafo" -, que foi fundeada 35 quilômetros ao largo da ilha de Santa Catarina, a 80 metros de profundidade. O instrumento contém sensores que medem as oscilações da superfície do mar, permitindo que se calculem com precisão as características das ondas. O ondógrafo monitora o estado do mar fazendo registros de cerca de 20 minutos a cada hora, 24 horas por dia. As informações são transmitidas via rádio para uma estação receptora em terra, que as retransmite para a UFSC via internet, onde são analisadas e disponibilizadas ao público no site www.lahimar.ufsc.br.

Prof. Eloi Melo

Fotos: Lahimar

Condições do mar obtidas a partir das medições do ondógrafo

O boletim das ondas obtido a partir das medições do ondógrafo é um pouco mais complexo do que o boletim disponível nos informativos de surf: o ondógrafo permite calcular o chamado "espectro direcional" das ondas. Esse espectro dá um diagnóstico completo do estado do mar, porém sua interpretação requer conhecimentos técnicos um tanto aprofundados. Por isso, foi necessário utilizar uma forma de expressão mais simples para divulgar o boletim das condições de mar fornecido pelo ondógrafo. Simplificadamente, pelo menos três informações básicas são necessárias para especificar as condições dum certo estado de mar: uma informação sobre a altura das ondas, outra sobre seu período e uma terceira, sobre sua direção. A tabela abaixo, copiada do site, ilustra o boletim fornecido pelo nosso ondógrafo.

Observação feita em: 03/04/ 2002 às 14 h

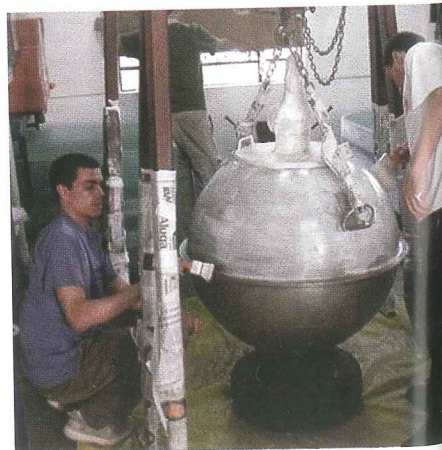
Altura significativa (Hs): 1,36 metros

Direção de origem dominante: 189,66 o (mar de S)

Período de pico (Tp): 9,41 segundos

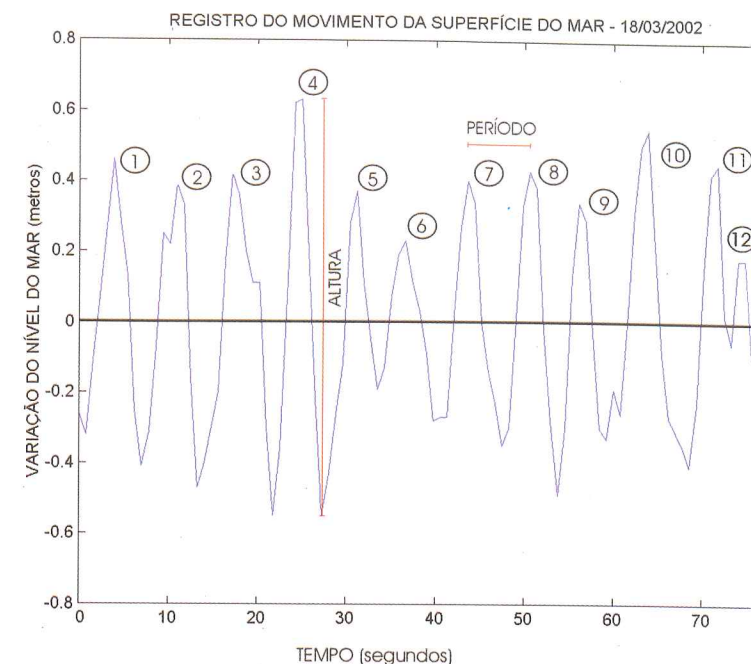
Altura máxima (Hmax): 2,12 metros

Talvez a *direção* das ondas seja o parâmetro mais fácil de entender (mas não de medir ...). De fato, qualquer um que já tenha observado o mar dum local elevado - a janela dum avião, por exemplo - já percebeu que não é difícil estimar a direção de onde as ondas estão vindo. Uma observação mais minuciosa vai mostrar que nem todas as ondas vêm exatamente da mesma direção. Algumas cristas parecem um pouco mais inclinadas que outras, mas, normalmente, dá para identificar bem uma direção dominante de origem em torno da qual as ondas se espalham. O ângulo correspondente à direção dominante de origem das ondas segue a seguinte convenção: 0° = Norte (N); 90° = Leste (E); 180° = Sul (S); e assim por diante. Nosso ondógrafo consegue medir a direção dominante com boa precisão, sendo essa uma das informações disponibilizadas no nosso boletim. Quanto aos outros dois parâmetros - altura e período -, são necessárias explicações complementares. Assim, o restante do presente texto discute alguns pontos importantes de forma simples, porém com base no conhecimento científico existente sobre o assunto.



Definição da altura das ondas

O gráfico ao lado é um registro do movimento da superfície do mar com duração de 75 segundos obtido pelo ondógrafo da UFSC no dia 18 de março de 2002.



Várias coisas interessantes sobre as ondas do mar estão evidenciadas nesse gráfico. A primeira coisa a se observar é que as subidas e descidas da superfície do mar ocorrem de forma irregular, e, curiosamente, tanto para cima como para baixo do nível médio de repouso da água (linha horizontal). Os pontos mais altos atingidos pela água correspondem às cristas das ondas. Os pontos mais baixos entre as cristas são os chamados cavados das ondas. Note que, se o gráfico fosse virado de cabeça para baixo, seria difícil perceber a diferença entre cristas e cavados... Esse fato sugere que o "balanço" causado pelas ondas em águas profundas tende a ser simétrico em relação ao nível médio do mar. Em outras palavras, poderíamos dizer que, em alto-mar, as ondas provocam tanto protuberâncias (cristas) quanto depressões (cavados) na superfície da água. Voltando a atenção novamente ao gráfico, vemos que 12 cristas de onda passaram pelo ondógrafo nesse período de 75 segundos. Os níveis atingidos por cada uma das 12 cristas e os intervalos de tempo entre as cristas estão registrados no gráfico. Por exemplo, a crista número 4 foi a mais alta, atingindo a cota 0,62 metro. O maior intervalo de tempo entre cristas (consecutivas) ocorreu entre a crista 10 e a 11 e foi de 9 segundos. Tecnicamente, o nome dado ao intervalo de tempo entre a passagem de duas cristas consecutivas por um certo ponto fixo no mar é período da onda. O período é uma grandeza de muita importância para se entenderem vários fenômenos que ocorrem com as ondas no oceano, como veremos mais adiante. A questão agora é como definir a altura das ondas do mar. Nosso primeiro impulso seria, talvez, associar a altura dum certa onda com a altura da sua crista. Essa idéia talvez funcionasse bem se as ondas não tivessem cavados... Na verdade, observando novamente o gráfico, vemos que o tamanho real das ondas ficaria melhor representado se incluíssemos também os cavados no cálculo das alturas. Assim, a altura dum onda é definida como a diferença de nível entre a sua crista e o seu cavado. De posse dum registro da posição da superfície do mar como esse mostrado acima, a altura de qualquer onda pode ser prontamente determinada. Um aspecto importante surge numa situação de mar "mexido", em que é bem provável que apareçam no registro marolas superpostas a ondas maiores. Na verdade, as ondas número 2 e 9 do registro em questão apresentam essa característica. Como ficaria a definição de altura nesse caso? Vamos considerar a marola como uma onda ou não? A resposta é não; marolas não devem ser consideradas como ondas independentes. Para tanto, nossa definição de altura tem que ser adaptada através do seguinte artifício. Inicialmente vamos identificar todos os pontos em

que a superfície da água cruza o nível médio vindo de baixo para cima. Vamos então considerar que sempre entre dois desses pontos existe uma onda cuja altura será dada pela diferença de nível entre o ponto mais alto e o ponto mais baixo atingido pela água nesse trecho. Esse procedimento vai efetivamente "filtrar" as marolas, e o problema estaria resolvido. Note que, quando não há marolas no mar, a altura da onda obtida dessa maneira é idêntica à altura anterior. Sob a óptica científica, portanto, a determinação da altura das ondas parece uma coisa bastante trivial, mas, no meio da galera do surf, há controvérsias... Qual seria o motivo para tanta discórdia sobre a altura das ondas entre os surfistas? Para entender um pouco essa questão, é interessante, nesse ponto, abrir um parêntese para observar uma diferença importante entre as ondas em alto-mar e em águas mais rasas. Em águas mais rasas, a característica das ondas de terem uma parte da sua altura acima do nível médio (crista) e outra abaixo desse nível (cavado) fica alterada. Como certamente toda a galera do surf já percebeu, próximo à arrebentação a onda fica quase totalmente acima do nível médio, e apenas uma pequena parte do cavado (algumas vezes) ainda é perceptível a olho nu. É como se o fundo do mar próximo à praia "empurrasse" a onda para cima, forçando o cavado a se aproximar do nível médio e forçando a crista a subir. Em algumas praias - como no pico de Teahooopu, no Taiti -, certas ondas quebram com um remanescente do cavado ainda considerável, dando a impressão de que há uma depressão na frente da crista.



Um complicador extra é que, nos últimos metros antes do ponto de arrebentação, as ondas sofrem transformações bem rápidas na sua forma (logo, na sua altura), e, portanto, uma medição precisa da altura duma certa onda próximo ao ponto de arrebentação dependeria de quando exatamente se deseja fazer a medida. Normalmente, quando a galera do surf se refere à "altura" duma onda, está subentendido que é a altura no momento do início da arrebentação. A princípio, se conseguíssemos registrar a posição da superfície do mar próximo ao ponto de arrebentação das ondas (sem destruir o ondógrafo no processo...), a mesma definição de altura

usada em alto-mar poderia ser usada no raso, e o problema estaria resolvido. Não sendo possível fazer tal medição, tem-se que recorrer a outros meios menos precisos – como, por exemplo, estimativas visuais –, e é aí que surgem as controvérsias... Por exemplo, a declividade da face da onda no início da arrebentação pode dificultar a estimativa da

sua altura. No caso duma onda gorda, com arrebentação deslizante, pode ficar difícil avaliar onde exatamente termina a face da onda para se estimar sua altura. Já no caso duma onda tubular, a altura no início da arrebentação é mais facilmente avaliada, pois fica mais fácil enxergar o fim da face da onda. Surgem assim, no meio da galera do surf, métodos bastante curiosos, como medir a altura da onda por trás (?), confundir a altura (que deve ser medida na vertical) com o comprimento (inclinado) da face da onda ou, ainda, usar "escalas" engraçadas, do tipo "metros bem servidos" ou "pés havaianos" – parece que 3 "pés havaianos" corresponderiam a uns 5 ou 6 "pés brasileiros"... –, etc. Todo

esse folclore perde o sentido se aplicarmos ao instante do início da arrebentação a definição científica da altura duma onda, que é: a diferença de nível entre sua crista e seu cavado. Outro aspecto importante – e que causa certa confusão na galera – refere-se à questão da unidade de comprimento usada para expressar a altura das ondas. Dois sistemas de unidades são utilizados no mundo: o sistema métrico e o sistema inglês (que usa jardas, pés e polegadas). Primeiramente, deve-se observar que a altura das ondas (ou das pessoas ou de qualquer coisa...) não pode ser alterada pelo sistema de unidades que se escolhe: 1 metro corresponde a 3,28 pés, portanto uma onda de 1 metro terá 3,28 pés de altura esteja ela no Havai, na Califórnia, na Austrália ou no Brasil. Por questões históricas, a galera do surf, no Brasil e em outros países, prefere usar o sistema inglês e medir ondas (e pranchas!) em pés (e polegadas!). A princípio, não há nada errado com isso, a não ser o fato de que estamos todos indo contra a tendência internacional, que é de eliminar o sistema inglês em favor do sistema métrico. No meio científico, por exemplo, o sistema inglês já foi completamente banido! O motivo principal é que o sistema métrico é decimal (1 metro tem 10 decímetros, 100 centímetros e 1000 milímetros), enquanto o inglês não é (1 jarda tem 3 pés e 1 pé tem 12 polegadas). Um sistema decimal é mais fácil de entender e trabalhar. O segundo motivo é que, exceto nos países de língua inglesa, todo o resto do mundo usa o sistema métrico e, por isso,

Altura significativa

Retornando ao gráfico, vemos ser possível identificar 12 ondas com as seguintes alturas:

H1 = 0,83 m	H5 = 0,55 m	H9 = 0,76 m
H2 = 0,75 m	H6 = 0,52 m	H10 = 0,92 m
H3 = 0,98 m	H7 = 0,75 m	H11 = 0,50 m
H4 = 1,20 m	H8 = 0,95 m	H12 = 0,30 m

Observando os números ao lado, vemos que a altura das ondas variou bastante, indo dum mínimo de 0,30 metro a um máximo de 1,20 metro. Essa variabilidade decorre, em última análise, do fato de que as ondas superficiais do oceano são geradas pelo vento, num processo bastante complexo. Ao contrário de ondas feitas num tanque de laboratório por um "batedor de ondas" controlado mecanicamente (veja figurinha abaixo) e que produz um "trem" de ondas totalmente idênticas, as ondas geradas pelo vento no oceano se caracterizam pela sua irregularidade, como apresentado no gráfico da próxima página.

esse é o sistema internacional. Na verdade, os Estados Unidos têm se esforçado para implantar o sistema métrico, mas isso não é uma tarefa fácil, pois a resistência do público é grande. No projeto PIC (Programa de Informação Costeira – On Line), utilizamos o sistema métrico e, por isso, as alturas das ondas são sempre expressas em metros. Finalizando, devemos chamar a atenção para o fato de que a nossa bóia medidora de ondas está localizada a 35 quilômetros da costa e a 80 metros de profundidade, portanto as condições de mar medidas por ela referem-se, praticamente, às condições de alto-mar. Para chegarem à praia, as ondas ainda têm que se propagar por sobre a chamada plataforma continental, uma parte do fundo do mar relativamente rasa que margeia os continentes. Nessa passagem, as ondas são afetadas pelo fundo, sofrendo o efeito de vários fenômenos físicos que transformam as características que elas tinham originalmente em alto-mar. Um dos principais fenômenos é a refração, a qual é capaz de redirecionar a energia transportada pelas ondas, criando zonas de focalização, onde as ondas são amplificadas, e desfocalização, onde elas são diminuídas. Assim, através do fenômeno da refração, o relevo submarino da plataforma continental vai efetivamente modelar as ondas oceânicas no trecho final da sua viagem até a praia. Portanto, a "tradução" das condições de ondas medidas em alto-mar para condições numa determinada praia só pode ser feita a partir do estudo dessas transformações. Esse estudo já está sendo feito no Laboratório de Hidráulica Marítima da UFSC, que, em breve, estará disponibilizando informações sobre condições de ondas em águas mais rasas, ao longo da costa de Santa Catarina. Explicações mais detalhadas sobre a refração (e outros fenômenos) serão tema dum próximo texto. Por enquanto, é importante apenas salientar que a intensidade do efeito da refração sobre as ondas depende diretamente do seu período (e não da sua altura!); em outras palavras, ondas de período longo serão muito mais afetadas pela refração do que ondas de período curto. Portanto, conforme mencionamos anteriormente, o período das ondas é um dado de fundamental importância para se entender o que acontece com as ondas na sua viagem até a praia.

Vida Marinha

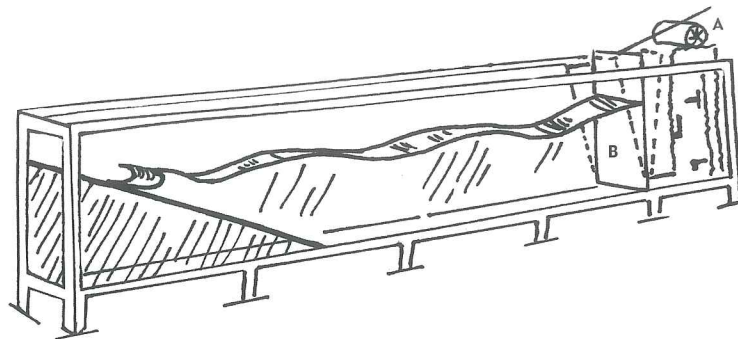
hawaii/2002



Basicamente surf...

DWS DESIGNER

A questão que se coloca é: em face da variabilidade inerente às ondas oceânicas, qual altura devemos usar para caracterizar um certo estado de mar? Talvez a coisa mais natural a fazer fosse simplesmente calcular a média de todas as alturas de onda registradas e usar esse número para representar o "tamanho" do mar. No exemplo em questão, a altura média seria $H_{med} = 0,75$ m. Curiosamente, a altura média das ondas (H_{med}) não vingou como a altura representativa do tamanho do mar; quem ficou com essa honra foi uma outra altura, chamada altura significativa (HS), que vai ser definida em detalhe a seguir.



A primeira coisa a fazer para determinar HS é ordenar em ordem crescente (isto é, da menor para a maior) todas as alturas registradas. No caso em questão, teríamos uma "escadinha" de 12 alturas, indo de 0,30 metro a 1,20 metro. Teríamos então que dividir esse conjunto em 3 grupos (no caso, com 4 ondas cada), separar o grupo das maiores ondas e calcular a altura média desse grupo. Essa seria a famosa altura significativa (HS)! Podemos, portanto, definir a altura significativa dum certo estado de mar como a média não de todas as ondas presentes, como pensamos inicialmente, mas a média do terço superior das maiores ondas. No exemplo em questão, a altura significativa do mar seria obtida fazendo a média das 4 maiores ondas registradas [$HS = (0,92 + 0,95 + 0,98 + 1,20) / 4$], resultando $HS = 1,01$ m.

H1 = 0,83 m	H5 = 0,55 m	H9 = 0,76 m
H2 = 0,75 m	H6 = 0,52 m	H10 = 0,92 m
H3 = 0,98 m	H7 = 0,75 m	H11 = 0,50 m
H4 = 1,20 m	H8 = 0,95 m	H12 = 0,30 m

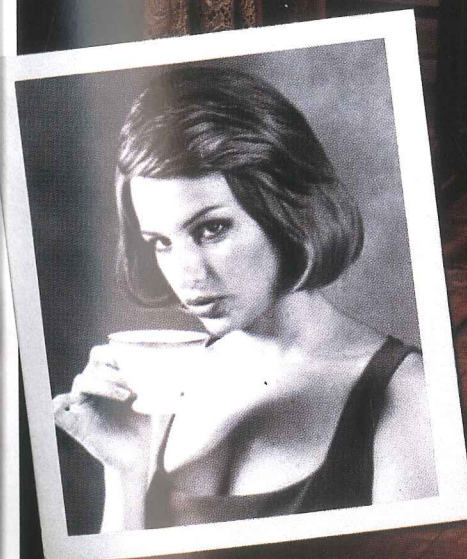
Por que a altura significativa e não a altura média ficou como a altura representativa do "tamanho do mar"? O motivo tem a ver com um fato curioso: testes realizados com observadores experientados mostraram que a altura estimada visualmente por esses observadores corresponde surpreendentemente bem à altura significativa calculada da maneira indicada acima. Assim, no Programa de Informação Costeira, o parâmetro usado para caracterizar a altura das ondas é a altura significativa HS. Não sei se a galera do surf já pensou sobre essa questão, mas quando alguém dá um boletim das condições do mar informando que "hoje as ondas estão com 1 metro e meio de altura...", o que significa exatamente essa altura? Bem, se a pessoa em questão for um observador "experientado" intuitivamente, a altura estimada (visualmente) por ela deve corresponder aproximadamente à altura significativa das ondas!

Altura máxima

Finalmente, não podemos esquecer que a altura significativa não corresponde à maior altura presente (H_{max}) no mar. Essa altura máxima depende do intervalo de tempo considerado e do número total de ondas presentes nesse intervalo – número esse estimado em função do período médio das ondas. Existe uma teoria estatística sobre a altura das ondas em alto-mar muito interessante, que permite fazer uma estimativa de qual seria a maior onda provável num intervalo de tempo qualquer. Considerando um período médio de 10 segundos – bem típico do nosso mar –, essa teoria prevê que, num intervalo de 1 hora, deve aparecer pelo menos uma onda com altura aproximadamente 70% maior que a altura significativa. Trocando em miúdos, se o mar estiver com uma altura significativa de 1 metro e você esperar 1 hora, é provável que encontre uma onda com 1,7 metro de altura. Para um intervalo de tempo de 20 minutos – que é a duração total do registro da bóia –, a percentagem cai para cerca de 55% (por exemplo, se HS for 1 metro, H_{max} seria 1,55 metro e assim por diante). É possível fazer verificações diárias desse resultado usando os dados do nosso ondógrafo. Para tanto, basta fazer uma continha muito simples: H_{max} dividido por HS. Você mesmo pode fazer o teste para ver o que dá... A rigor, essa teoria estatística só é válida para ondas em alto-mar. Mesmo assim, podemos usá-la para ter uma idéia, mesmo que grosseira, do que esperar do mar em águas mais rasas. Fazendo isso, podemos inferir o seguinte resultado aproximado: num mar com $HS = 2$ metros, por exemplo, é provável que apareça uma "rainha" com 3,4 metros num intervalo de tempo de 1 hora!



Essas são algumas noções básicas sobre esse fenômeno natural fascinante que são as ondas do mar. Fiquem ligados no site do nosso laboratório www.lahimar.ufsc.br para mais novidades.



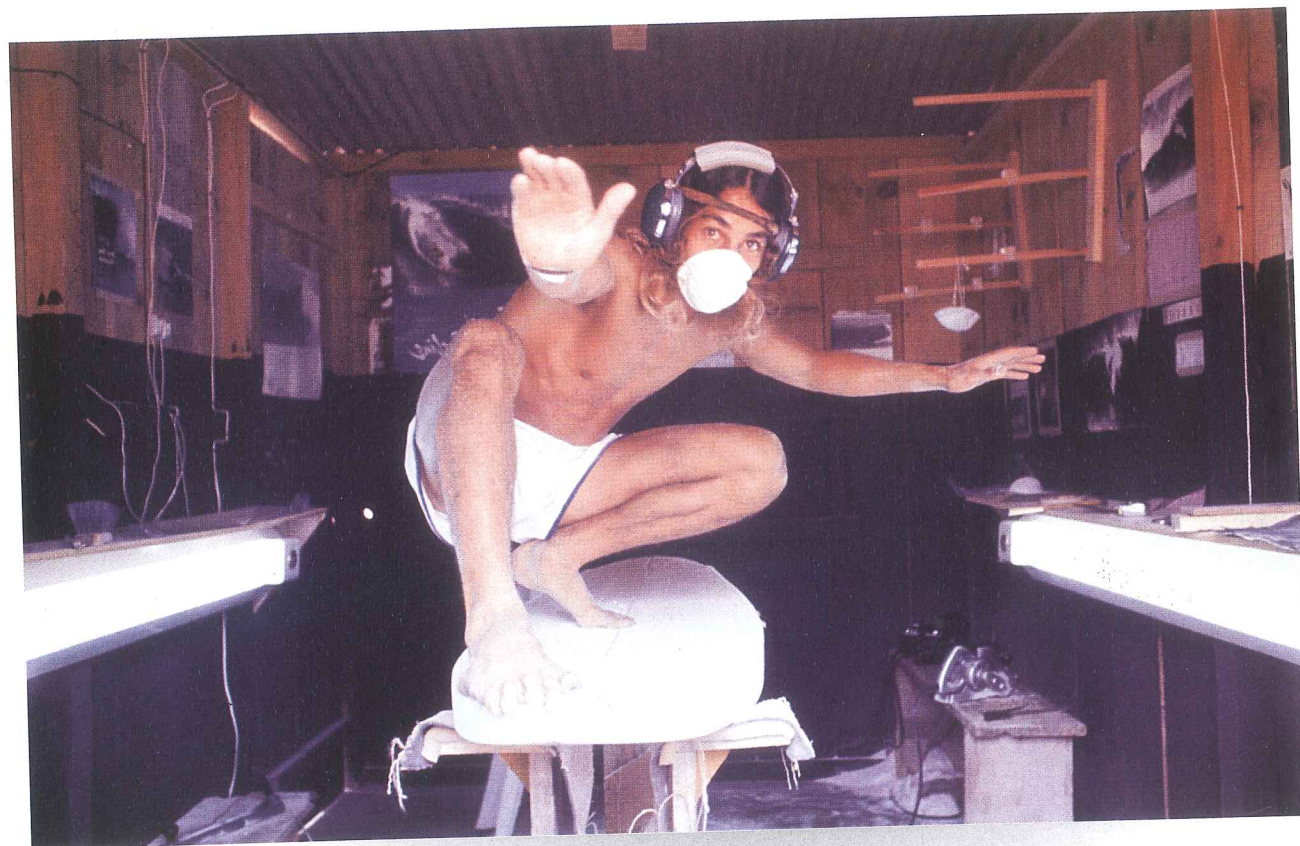
Se tivesse ouvido sua prima Sueli, hoje este seria o Teco Padaratz dando uma rasgada.

Sai fora, Sueli.



Teco Padaratz. Surf é a nossa praia.





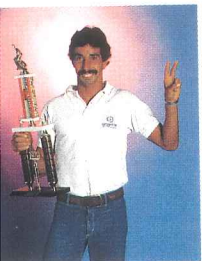
RICO 50 ANOS

A primeira prancha de fibra que Rico teve foi fabricada pelo não menos lendário Coronel Parreiras.

Por Rosaldo Cavalcanti
Fotos arquivo pessoal

Ricardo Fontes de Souza, o Rico, nasceu no Leblon no dia 12 de junho de 1952. Em 2002, ele está completando 50 anos de idade. Uma data muito significativa para qualquer um. Numa sociedade que tem base decimal e na qual viver 100 anos é um sonho de consumo da maioria dos mortais, completar 50 anos significa, de certa forma, ter chegado ao meio do caminho. Um dos pioneiros do surf no Brasil, Rico começou a surfar por volta de 1962. Nestes últimos 30 anos, este carioca vem acompanhando de perto as principais mudanças no surf. No Leblon, no início da década de 60, Rico era conhecido como Dentinho. "Eu era meio dentuço", explica ele, que só ganhou seu atual apelido por volta de 68. Rico começou a surfar com prancha de madeirite no Leblon e no Arpoador. Somente em 66 foi que ele conseguiu trocar a madeirite por uma prancha de fibra, "que era muito cara na época", recorda-se. Depois de começar a consertar pranchas para fazer algum dinheiro, Rico naturalmente passou a fabricá-las, e foi campeão brasileiro em 1969. Segundo ele: "Esse foi o primeiro campeonato de nível nacional no Brasil". Graças a esse título, Rico viajou para o Peru, a fim de participar de uma competição internacional. Foi sua primeira "surf trip" para fora do território brasileiro.





"O surfista peruano Felipe Pomar era o campeão do mundo, e os melhores surfistas da época, entre eles os havaianos, participavam dos campeonatos disputados nas ondas peruanas." Uma vez no Peru, Rico notou que o surf brasileiro estava muito atrasado em relação ao dos nossos vizinhos do Pacífico: "Os brasileiros surfavam com pouca velocidade, sem muita troca de direção. Estávamos limitados a entrar no corte e pegar velocidade na crista da onda. Na real, nós não fazíamos muitas manobras". No campeonato do Peru, o campeão brasileiro da época foi eliminado logo de cara. Persistente, Rico assimilou a derrota e voltou no ano seguinte, para acabar em 5º lugar na mesma competição. Até hoje, ele orgulha-se da façanha: "Foi bom competir de novo contra os mesmos surfistas e acabar entre os cinco primeiros". Ricardo De Souza voltou da sua segunda viagem para o Peru cheio de novidades: outlines, lixadeiras, pigmentos... tudo o que não existia no Brasil. "Aproveitei e trouxe o 'La Bruja', um dos melhores fabricantes de pranchas do Peru, para trabalhar comigo



no Rio", emenda. Rico foi novamente campeão brasileiro em 72 e repetiu a dose no ano seguinte. "Depois de conquistar o título brasileiro de 72, fui, junto com o Pelé, ao programa de televisão do Flávio Cavalcanti, que fazia muito sucesso na época. Meu objetivo era realizar meu maior sonho: arrumar uma passagem para o Hawaïi". Rico sempre cultivou uma boa relação com a mídia. "Você colhe aquilo que planta", ensina, do alto dos seus 49 anos. Desde cedo, ele se preocupa com sua postura e sua imagem. Principalmente na hora de atender a imprensa. Não é à toa que é freqüentemente procurado pelos mais diferentes jornalistas, que o vêem como uma das pessoas que melhor representa os surfistas de uma maneira geral. "O surf é a minha vida. Me deu tudo que tenho. Se hoje em dia sou confundido com o próprio esporte... Bem, isso é algo que me enche de orgulho." Rico é uma espécie de embaixador do surf brasileiro. Um dos maiores ícones do "esporte dos reis" aqui no Brasil, sua fama se estende para muito além do horizonte. Algo que ele sempre explorou com maestria, dentro e fora do Brasil. "Sempre que me apresento diante da mídia, procuro mostrar uma imagem saudável e profissional." Mas como ninguém é unanimidade, Rico também tem seus críticos, que o acusam de sempre querer aparecer mais do que os outros. "A oposição faz parte da democracia", esclarece Rico. Durante os anos 70, Rico tornou-se um dos maiores fabricantes de pranchas do Brasil. Na época, fabricava cerca de 150 pranchas por mês. "Uma ninharia, se comparado aos padrões atuais, mas que na época me garantia um lucro de quase 100%. Hoje em dia, os fabricantes têm uma margem de lucro muito menor", afirma Rico, que continua fabricando pranchas, mas sem contar com o stress que é administrar uma fábrica. "Hoje meu esquema é outro. Prefiro só shapear. Administrar uma fábrica de pranchas não é brincadeira." Rico se especializou em shapear longboards. Um nicho de mercado que vem crescendo sem parar. Qual é o mapa da mina? "Atualmente todo mundo quer surfar. Velho, moço, menino, menina... sem exceção. O longboard é perfeito para quem quer curtir a onda sem ter que fazer nenhuma manobra radical." O surf é um esporte que pode ser praticado por qualquer um. Independentemente da idade ou do sexo. "Quero surfar até não agüentar mais", avisa Rico, que já ensinou muita gente a subir na prancha pela primeira vez:

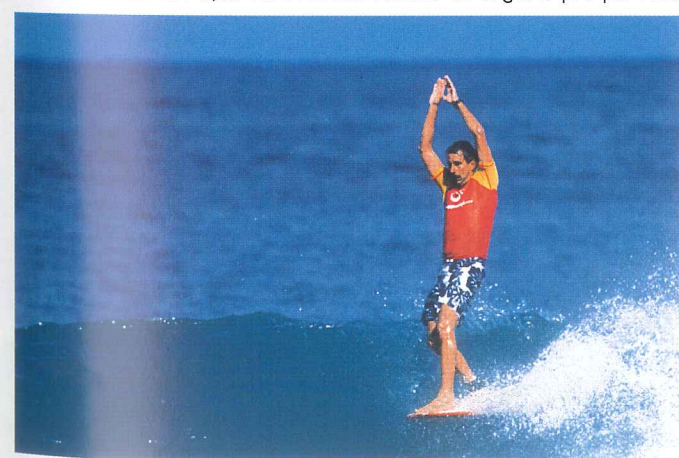
"Minha escolinha de surf foi uma das primeiras do Brasil. É um trabalho que faço com muito carinho". Rico tem dezenas de alunos, e as aulas são ministradas por um grupo seletivo de professores. A escolinha de surf do Rico fica no Rio de Janeiro, mais precisamente na Barra da Tijuca, em frente ao Barramares. Rico vem notando que cada vez aumenta mais o interesse das meninas pelo surf: "Não existe preconceito contra mulheres surfistas. Muito pelo contrário. Acho que os surfistas até gostam de encontrar mais meninas no pico. A cada dia que passa tem mais uma menina surfando". O surf tem a capacidade de unir a família. Não é à toa que a palavra "ohana", que em havaiano significa "família", tem um significado todo especial na cultura do povo que inventou o surf. Os polinésios sempre cultuaram a família e os seus valores mais tradicionais. E isso se reflete até hoje nos costumes da nossa tribo. A família De Souza incorpora essa tradição. Rico e seu filho Eric já foram quatro vezes juntos ao Hawaïi e podem ser constantemente vistos surfando lado a lado nas praias do Rio. "Nunca fiz pressão para que o Eric fosse surfista, mas o que eu posso fazer se é disso que ele gosta?" Rico é um pai para lá de coruja. "O Eric está evoluindo e gosta de competir. Contanto que ele estude, surfar está liberado." O próprio Rico serve de exemplo como alguém que correu atrás de sua lenda pessoal: "Sempre fiz o que gosto. Esse é o segredo da felicidade", garante. "Quero o melhor para o meu filho." O surf extrapola os conceitos tradicionais da maioria dos esportes. Seus praticantes têm valores próprios e já foram confundidos com ícones da contracultura. Seria surfar uma forma de arte? Ou uma maneira de se levar a vida? O estilo de vida dos surfistas faz que eles sejam vistos como pessoas que prezam a liberdade e têm um modo simples de viver e encarar as turbulências do mundo. Rico sempre procurou viver de acordo com esses preceitos: "Quando voltei do Hawaïi pela primeira vez, no começo dos anos 70, resolvi tentar levar minha vida como no North Shore. No fundo, um surfista como eu não precisa de muito para estar feliz. Se tiver saúde, uma casa pra morar, uma família pra curtir e um bom quiver de pranchas... O que mais é importante?" Rico foi profundamente influenciado pelo estilo de vida havaiano e até hoje continua levando a vida da melhor maneira possível. Sua família: a mulher Cláudia e os filhos Eric (14 anos) e Patrick (2 anos) são prioridade na vida do futuro cinquentão. O surf une a família. Faz com que pais e filhos como Rico e Eric curtam juntos a mesma coisa. Mesmo sendo de gerações tão diferentes. "Surfar com meu próprio filho é uma dádiva de Deus", garante Rico. "De repente, me flagro curtindo a mesma coisa que ele.



Da esquerda para a direita, Horácio Seixas, Rico e Serginho "Ratinho" no início dos anos 70 no Rio.



Eric de Souza em ação na Prainha. Motivo de orgulho pro pai Rico.



foi curioso e preocupado em estar ligado às últimas tendências. Até hoje, durante suas viagens pelo exterior, ele sempre traz de volta pro Brasil o que encontra de mais moderno no mundo do surf. A marca Rico ficou conhecida entre os surfistas no início da década de 70 pela qualidade das pranchas, que tinham um logotipo inconfundível estampado no bico. A consequência disso é que ele conseguiu ganhar um bom dinheiro fabricando pranchas durante aqueles anos: "Comprei minha casa com o dinheiro que ganhei fazendo pranchas." Rico tem muitas histórias para contar sobre as suas inúmeras viagens para o Hawaïi. "Fui o brasileiro que esteve mais vezes no Hawaïi", orgulha-se em dizer. Rico enxerga um futuro brilhante para o surf: "É cada vez maior o número de pessoas que estão surfando. Um esporte que experimenta um crescimento como o surf... Bem, o futuro está garantido", aposta o já veterano surfista carioca. Mas nem tudo são flores na vida. Em 1999, Rico ficou sabendo que sofria de um problema sério: "Tive diverticulite, uma espécie de infecção no intestino que pode matar". Depois de passar por um tratamento de risco que incluiu mais de uma intervenção cirúrgica, Rico teve que ficar quase um ano longe do surf. "O problema acabou fazendo com que meu intestino se rompesse, levando as fezes para o estômago e, em seguida, para a corrente sanguínea. Quase morri, vítima de uma infecção generalizada." Rico chegou a ficar quatro dias na UTI, mas garante que aprendeu muito durante o período em que sofreu com a doença: "Saúde é fundamental. É algo que o dinheiro não compra. Só Deus dá. Mas a velhice é algo inevitável, e a gente tem que estar pronto para envelhecer com dignidade". Hoje em dia, Rico está gozando de uma saúde perfeita e surfando como nunca. De preferência todos os dias.

"Para mim, o surf não é um esporte. nem uma religião... É tudo." Perto de completar 50 anos, ele não tem cabelos brancos e mantém um físico de fazer inveja a muito garoto. Segundo Rico, o segredo é sempre ter se alimentado e dormido bem. "Estive há pouco tempo no Hawaí e surfei Sunset 10 pés sem problemas. Para mim, isso é que é saúde." Rico explica que até completar 43 anos não havia sentido o peso da idade. "Daí em diante você começa a notar que não tem mais aquele vigor todo. É hora de usar mais a experiência do que a força." Mas quem seria o surfista mais antigo do planeta? Rico aposta que o havaiano Rabitt Kekai é um dos mais velhos em atividade. "Ele tem 86 anos e continua surfando muito. Taí um recorde que eu adoraria bater", diz rindo. O futuro cinquentão ainda não decidiu como vai comemorar seu aniversário de 50 anos. "Gostaria de dar uma festa e convidar todos os amigos. Mas ia ficar caro demais." Surfar até morrer. Esse parece ser o lema de Rico De Souza: "A minha mensagem final é para que todo mundo procure aproveitar a vida da melhor maneira possível. Para mim, isso significa curtir a família e surfar até o dia em que não puder mais". Falou e disse De Souza.



Foto Roberto Price



Foto Flávio Vidigal

OS MELHORES SURFISTAS DE TODOS OS TEMPOS SEGUNDO RICO DE SOUZA:

- # Phill Edwards: O rei do estilo.
- # Gerry Lopez: O mais sábio de todos os surfistas. Tem o melhor estilo de vida. O rei dos tubos em Pipeline.
- # Shaun Tomson: O primeiro a manobrar dentro dos tubos. Líder do "back side attack" em Pipeline.
- # Larry Bertleman: O surfista mais progressivo de todos os tempos. Influenciou mais de uma geração.
- # Jeff Hakman: O mais competitivo de todos. O primeiro a surfar para os juízes.
- # Kelly Slater: O surfista mais completo.
- # Ian Cairns: O mais agressivo no Hawaí. Radical ao extremo.
- # Laird Hamilton: O melhor nas ondas gigantes.

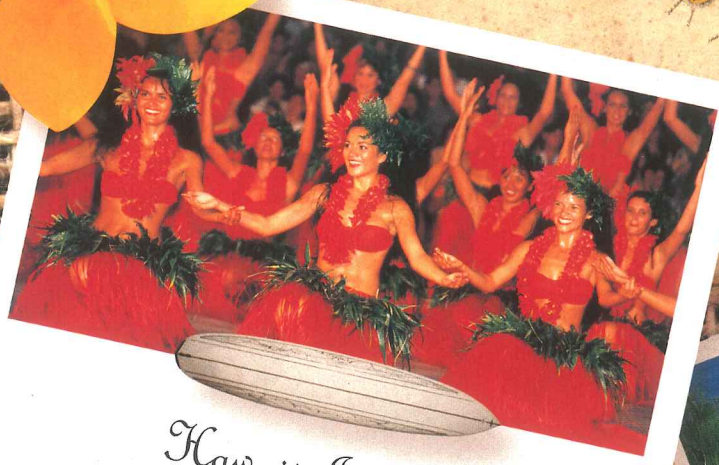
LAIRD SALAZAR
GANANHO DE NORONHA

ANTIQUEDA BR

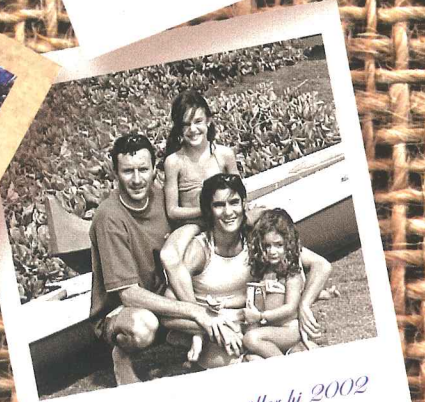
www.antiqueda.com
fone: 13-323511

since 1988

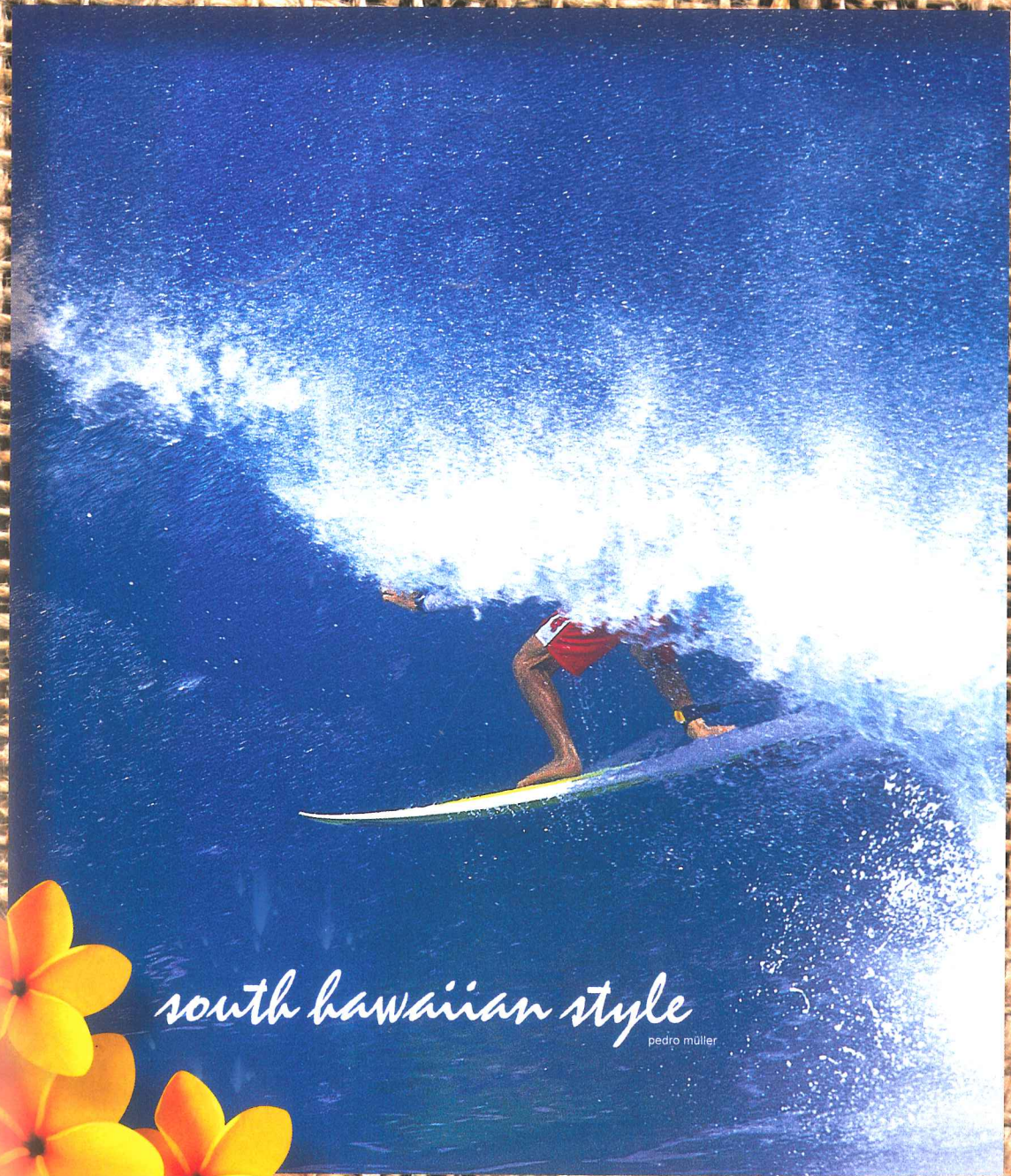
simple clean cool style



Hawaii Islands



família müller hi 2002



south hawaiian style

pedro müller



novo telefone: 11 6121-6767



indústria brasileira levante esta bandeira

southtosouth.com.br



K&W.COM

ERALDO GUEIROS CARLOS BURLE

Por Rosaldo Cavalcanti

O MELHOR INVERNO DAS NOSSAS VIDAS



Foto Sean Davey



Foto Grant Ellis

ERALDO RESGATA BURLE EM JAWS

Destemidos, corajosos, preparados e experientes. Eraldo Gueiros e Carlos Burle levam a sério aquilo que fazem e há mais de uma década vêm surfando algumas das maiores ondas deste planeta. Juntos, formam a melhor dupla de tow-in do Brasil, e protagonizaram alguns dos momentos mais adrenalizantes do último inverno no hemisfério norte. Tanto em Maverick's quanto em Jaws, a performance da dupla brasileira deixou literalmente o mundo inteiro impressionado. "Foi o melhor inverno das nossas vidas", garante Eraldo. Aliás, este ano a dupla Eraldo-Burle é a favorita para ganhar o prêmio de 50 mil dólares e um carro pela maior surfada no Pacífico norte. Não foi por acaso que os dois brasileiros se destacaram tanto no inverno 2001-2002. Eraldo e Burle traçaram um plano: "Nós decidimos correr atrás dos maiores swells da temporada. Fosse no Hawaii ou na Califórnia. Monitoramos todas as tempestades pela internet. Nosso objetivo era estar sempre no lugar certo. Fosse fazendo tow-in ou remando", explica Eraldo. Burle tem 34 anos. Nasceu em 1967, em Recife. Começou a surfar em 81, quando tinha 13 anos. Eraldo está com 37. Nasceu em 1965. "Comecei com 11 anos. Tenho mais de 25 de surf." Burle e Eraldo se conheceram em Recife, através de alguns amigos em comum. Burle era o mais novo da turma. Tinha apenas 13 anos na época: "O Eraldo era o ídolo da galera. Eu ainda tava apreendendo a surfar enquanto ele já estava trazendo as últimas novidades para Recife". Eraldo é dois anos mais velho que Burle, e quando se tem apenas 15 anos isso faz muita diferença. Burle considera que viveu os melhores anos da sua vida entre 1981 e 85. Existiam poucos surfistas em Pernambuco nessa época. "Recife era um paraíso", garante. Eraldo também não esquece as suas primeiras aventuras desbravando o litoral pernambucano: "Descobrimos muitos picos que ainda não tinham sido surfados".

ERALDO JAWS



Foto Sean Davey



BURLE TODOS SANTO

Por ser o mais novo, Burle precisou passar por alguns rituais antes de ser totalmente aceito na turma. "Tomei muita porrada", revela Burle. Eraldo também passou pelos seus perrengues: "Eu fazia parte da geração intermediária. Tinha os caras mais velhos do que eu e os grumetes... como o Burle", diz, rindo no final. "Digamos que eu fazia a seleção dos calouros e o Burle foi aceito rápido." Um pouco depois de terem se conhecido, os dois se separaram. Em 1983, Eraldo foi morar na Califórnia. Ficou seis meses em San Diego, até, segundo ele, "chutar o balde e me mandar pro Hawaii, no inverno de 83/84". Depois de tirar todo o seu dinheiro do banco, Eraldo acabou ficando oito meses direto no Hawaii. Repetiu a dose nos dois anos seguintes. "Fiquei no circuito Califórnia-Hawaii. Não queria outra vida." Só voltou para o Brasil em 87, para ver a família. Para quem sonhava em viver do surf, a perspectiva de voltar para Recife tornava tudo mais difícil. Inevitavelmente, Eraldo não conseguiu se readaptar à vida no Nordeste. "Acabei me mudando para o Rio, onde as minhas chances de ter uma carreira como surfista profissional eram bem maiores." Burle viveu uma história parecida. Depois que Eraldo deixou Recife para viver seu "american dream" na Califórnia e depois no Hawaii, Burle continuou no Brasil. Surfando os fundos de pedra do Nordeste e fazendo suas primeiras incursões através da costa sul brasileira. "Aprendi muito vendo o Eraldo surfar. Ele sempre voltava melhor depois das viagens." Segundo Burle, foi Eraldo quem lhe deu os primeiros toques sobre a arte de entubar. "Eu não tinha um estilo muito bonito, mas aprendia rápido", revela. Em 95, depois de uma viagem pelo sul do Brasil, o talento de Burle ficou conhecido além das fronteiras nordestinas. "Em 85, eu acabei em 3º lugar no circuito brasileiro amador." Foi o seu primeiro resultado no nível nacional. Enquanto Eraldo evoluía seu surf nos Estados Unidos, Burle aceitou o convite de seu primo, Pêpe Cezar, para morar no Rio. "Em 86, eu me mudei pra casa do Pêpe." Desde cedo Burle se destaca quando as ondas sobem. "Me lembro até hoje das primeiras ondas grandes que peguei no sul. No Nordeste as ondas são boas, mas é difícil ver um swell do tamanho dos que entram no Rio, em São Paulo e em Santa Catarina." Em 86, Burle acabou ganhando uma passagem para o Peru, prêmio por sua vitória na etapa de Itacoatiara do circuito amador carioca. "Foi minha primeira viagem internacional." Enquanto Burle dava seus primeiros passos além das fronteiras nordestinas, Eraldo botava seu surf à prova nas fortes ondas havaianas. "Ter ido para o Hawaii antes do Burle só fez minha adaptação ser mais difícil. Ninguém sabia nada naquela época. Eu, muito menos. Cheguei ao Hawaii para o inverno 83-84 mais perdido que cego em tiroteio." Burle acabou indo para as ilhas havaianas no inverno de 86-87. Aterrizou em solo havaiano no início de dezembro. "No dia em que eu cheguei, o mar estava com uns 30 pés, e o Almir Salazar quase morreu afogado em Waimea." Realmente esse foi um dia que entrou para a história como um dos maiores de todos os tempos. "Eu cheguei no final de tarde, e na manhã do dia seguinte as ondas estavam enormes. Até hoje, esse inverno é tido como um dos melhores. O mar simplesmente não baixava. Era um swell atrás do outro." É por essas e outras que Burle ficou viciado no Hawaii. "Minha vida mudou a partir do dia em que pisei no Hawaii. Meu primeiro inverno foi tão bom que eu jurei para mim mesmo que iria voltar todos os anos." Assim como para muitos outros surfistas, o Hawaii passou a ser um lugar sagrado para Burle. A essa altura, Eraldo também já estava infectado pelo vírus havaiano. Quando Burle chegou pela primeira vez ao Hawaii, Eraldo já tinha mais

de dois invernos de experiência. "Nessa época, minhas referências eram o Renan Pitanguy, o Roberto Valério, o Pêpe Lopez, o Taiu... Esses eram os brasileiros que me inspiravam no Hawaii", revela Eraldo. No seu primeiro ano no Hawaii, Burle teve um tutor: Fábio Quencas. Foi Quencas quem pegou Burle pela mão e lhe apresentou o North Shore. "O Quencas já estava no Hawaii há mais de um ano, e foi logo me avisando que eu precisava comprar umas pranchas boas." Quencas apresentou as melhores ondas para Burle e iniciou o garoto na arte do big wave surfing. Burle ainda se lembra da primeira onda que surfou no Hawaii: "Foi em Haleiwa. Devia ter uns 8 pés, mas para mim estava ENORME. Desci a onda, e quando fui cavar, a prancha foi reta e eu cai de cara na água". Para Eraldo, a adaptação às condições havaianas não foi menos difícil. "Eu não tinha experiência nenhuma em ondas grandes." Mas depois de oito meses no Hawaii, Eraldo era outro surfista. Muito mais experiente. "Para mim, o surfista que se preza tem que conhecer o Hawaii", diz Eraldo, que se declara apaixonado pelas ilhas havaianas. "Eu tive que reaprender a surfar no Hawaii. Mas é o único lugar para onde faço questão de voltar todo ano." Neste último inverno, Eraldo comemorou sua 17ª temporada nas ilhas. Burle não está muito atrás, com 15 invernos nas costas. Não é à toa que o Hawaii é considerado a "mecca do surf". Surfistas viajados e experientes como Eraldo e Burle são boas referências na hora de saber qual é o melhor lugar do mundo para surfar. "Nada se compara ao Hawaii", sentencia Eraldo. Apesar de serem mais conhecidos por suas performances em ondas grandes, Burle e Eraldo também sabem surfar ondas pequenas. Durante a década de 80, a época de ouro do circuito brasileiro, ambos foram top 16 da Abrasp. Naquele tempo, ser campeão brasileiro profissional ou estar entre os top 16 valia muito mais do que hoje em dia. No entanto, os dois afirmam que terem sido top 16 da Abrasp não foi o diferencial nas suas carreiras. "Eu gostava de surfar merrecas, mas sempre que surfava ondas grandes tinha não só um prazer maior, mas também uma performance melhor", explica Burle, que vai mais fundo nessa questão: "Sempre me senti mais motivado para surfar ondas grandes". Burle e Eraldo são remanescentes de uma cultura e de um tempo em que o bom surfista era aquele que surfava bem ondas tubulares e, de preferência, GRANDES. Burle não deixa dúvidas: "Em Recife, na minha turma, todo mundo surfava pelo prazer de surfar ondas boas. De preferência nos fundos de pedra". Apesar de não quebrarem ondas grandes no litoral nordestino, Burle teve a oportunidade de conhecer a força das ondas de Fernando de Noronha. Graças a alguns contatos na Aeronáutica, Burle e seus amigos de Recife iam com frequência surfar no arquipélago, que fica a cerca de uma hora de voo de Recife. "Oito meses depois de começar a surfar, fiz minha primeira trip pra Noronha." Burle ia a bordo dos famosos Hércules, um modelo de avião que servia como cargueiro para transportar

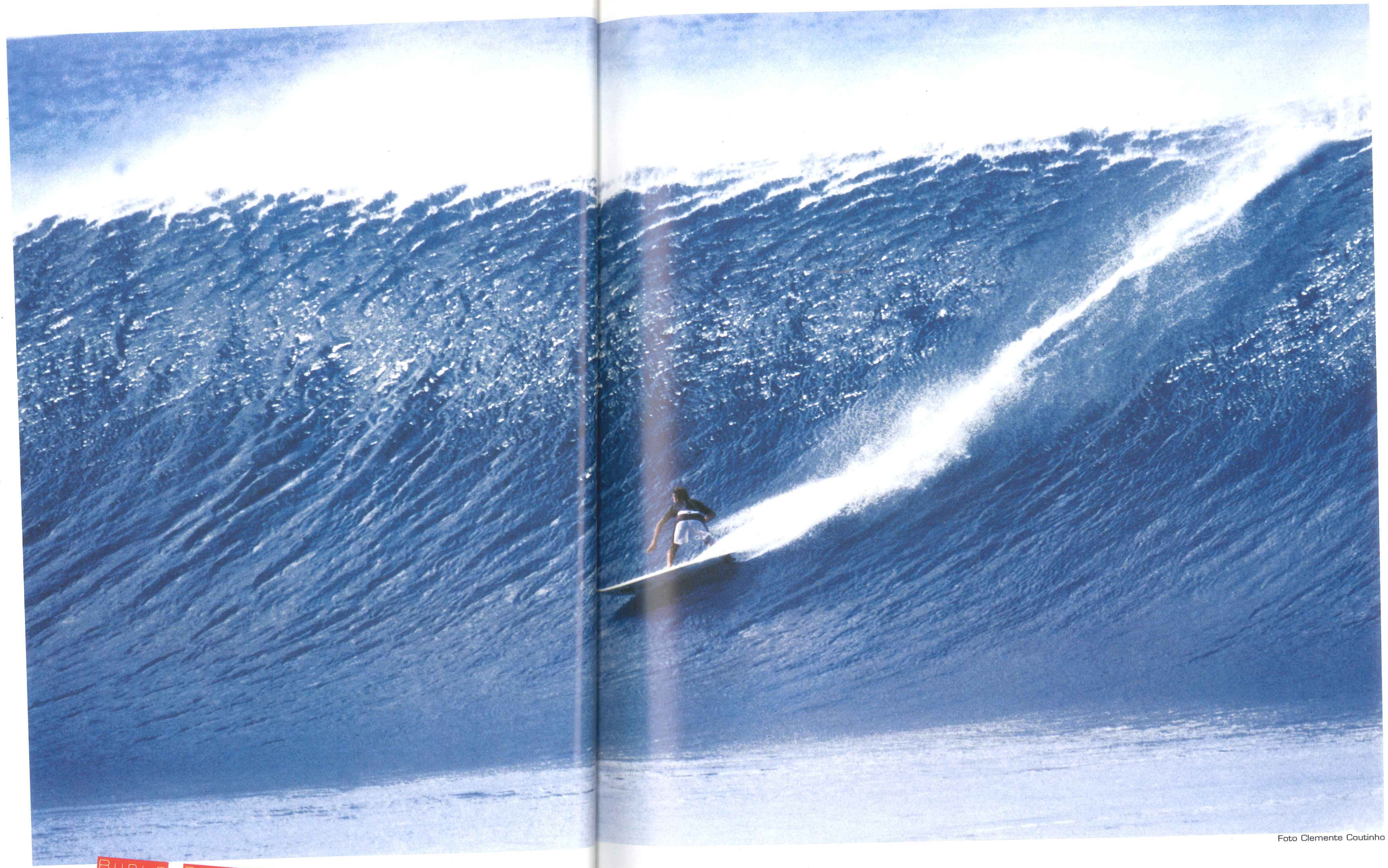
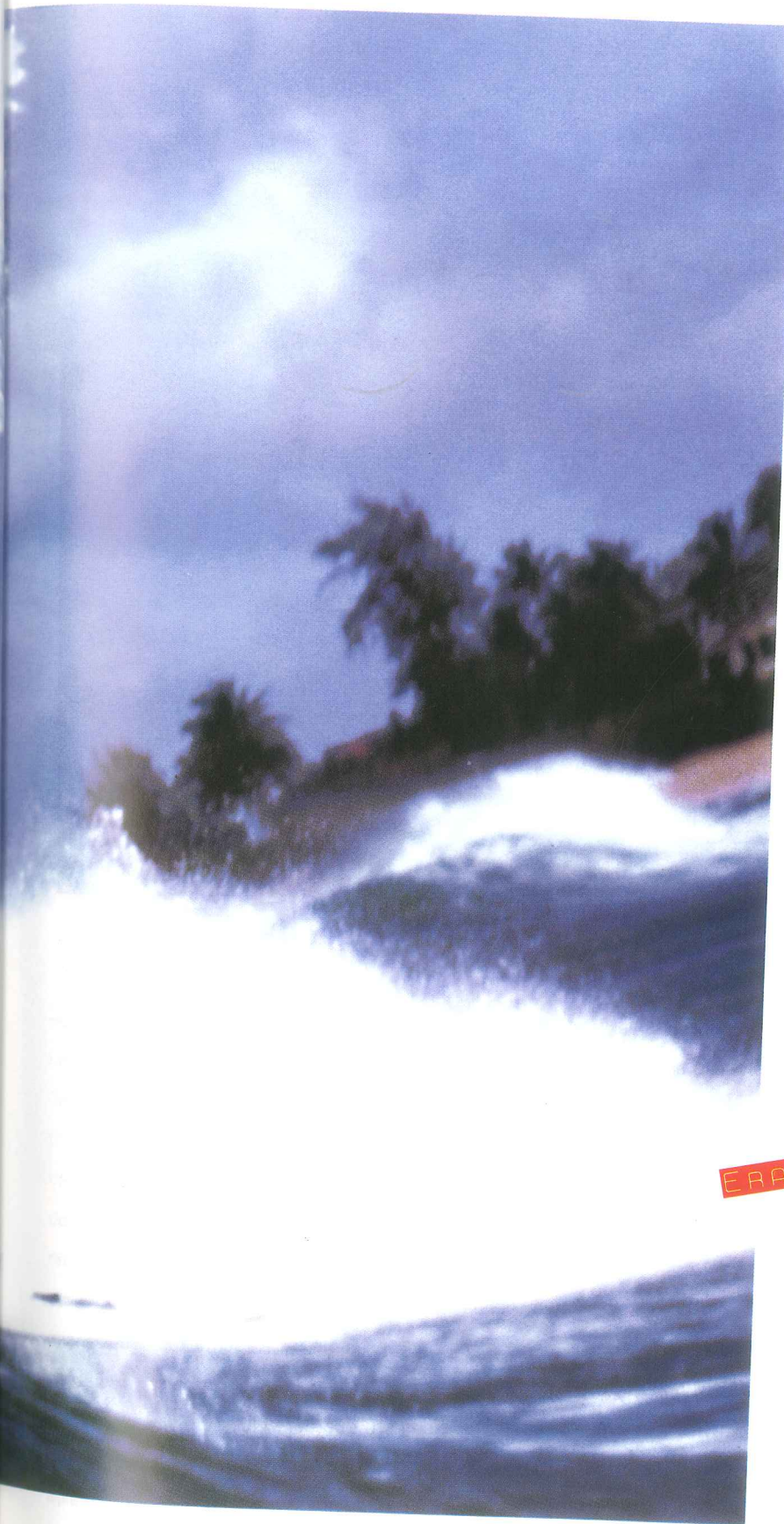


Foto Clemente Coutinho

BURLE BACK DOOR



Foto arquivo pessoal



ERALDO SUNSET BEACH



Foto Grant Ellis

BURLE JAWS

tudo que fosse necessário chegar ao arquipélago. De comida até trator. Noronha serviu de base para o surf de Burle. Ali ele aprendeu a dropar e a andar por dentro dos tubos. O reencontro entre Burle e Eraldo aconteceu em 1987, no Rio de Janeiro. Eraldo tinha acabado de se mudar para a Cidade Maravilhosa, e sua cabeça só pensava em ondas e em viabilizar uma carreira como surfista profissional. "O Rio era o lugar onde eu sabia que as coisas podiam acontecer. Eu não ia ser pressionado para trabalhar nos negócios da família e estaria mais perto do centro do surf no Brasil." Eraldo tinha comprado um apartamento no Rio, e Burle acabou vindo morar com ele. "Moramos juntos em 87-88 no Rio", relembra Burle. Depois de uma convivência diária, os dois acabaram se separando, em 89, quando Burle decidiu botar mais uma vez o pé na estrada. "Fui rodar o mundo com o Taiu. Passamos dois anos entre Brasil, Europa, Indonésia e Hawaii." Em 91, Burle voltou para o Rio. Foi morar na praia da Macumba, com outros dois amigos. Burle, a exemplo de Eraldo, teve que sair do Recife para correr atrás da sua lenda pessoal. "Depois que voltei da minha primeira viagem para o Hawaii, não consegui me readaptar à vida em Recife. Tive que cair na estrada. Não tive outra opção." Burle enfrentou muitas dificuldades para realizar seu sonho de viver do surf. "A pressão da família não foi fácil de aturar. Mas hoje em dia vejo que tomei a decisão certa. Às vezes a gente tem que ser corajoso na hora de tomar algumas decisões na vida", filosofa. Burle e Eraldo contam que aprenderam muito com dois surfistas em especial: "Tom Carrol e Cheyne Horan nos ensinaram bastantes coisas". Os dois australianos mostraram os caminhos da preparação para Burle e Eraldo. "Tom Carrol nos mostrou a importância da preparação física, enquanto Cheyne nos iniciou na ioga e na meditação",



Foto Sean Davey

ERALDO TASMÂNIA

esclarece Eraldo. "Antes deles, poucos surfistas se preocupavam com esse tipo de coisa", conclui. O surf é um esporte altamente físico, mas que também depende de uma boa preparação mental. "Para surfar ondas gigantes, temos que estar preparados física e mentalmente. O surfista tem que ter certeza que pode ficar debaixo d'água por mais de 1 minuto e meio. Só dessa forma ele vai ter confiança nele mesmo e condições para administrar o fator medo", explica Eraldo. As conseqüências de uma boa preparação só são sentidas com o passar dos anos. Tanto Burle quanto Eraldo já têm mais de 30 anos e, no entanto, se encontram muito bem fisicamente. "Hoje em dia, eu tenho me sentido tão bem ou até melhor do que quando era mais novo", garante Burle. Para Eraldo, o segredo está em não desperdiçar energia: "Quando a gente não tem muita experiência, a tendência é usar o vigor e a explosão que todo mundo tem na juventude. Hoje em dia, eu procuro canalizar minhas energias. Esse é o segredo". Mas para ser capaz de otimizar o gás, qualquer um precisa estar bem preparado fisicamente. "A malhação cardiovascular é muito importante", afirma Eraldo. "Com 50 anos, um sujeito pode ter um preparo físico melhor do que muito garoto

de 20. É lógico que ele vai ter que se condicionar física e mentalmente, além de se preocupar com a sua alimentação, descansar e dormir as horas que forem necessárias para repor as energias." Todos esses conceitos em termos de preparação são relativamente novos. Foram mais estudados a partir da década de 80. Antes disso, não existiam muitas técnicas científicas de condicionamento para atletas. A primeira geração saúde só apareceu depois que as experiências com as drogas, no final dos anos 60, expuseram todos os problemas derivados do uso excessivo dessas substâncias alucinógenas. Graças a esses novos conceitos, a expectativa de vida aumentou muitos nos últimos anos. Burle e Eraldo acreditam nisso. A maior prova está no corpo e na mente deles. Ambos mantêm uma saúde invejável para qualquer homem com mais de 30 anos. Burle, por exemplo, emagreceu um pouco nos últimos anos, mas aumentou sua massa muscular: "Atualmente estou me sentindo ótimo. Ganhei mais força nas



ERALDO HANAIEI BAY

pernas e nos braços. Diminuí minha taxa de gordura e aumentei minha massa muscular." Burle tem um preparador físico que o ajuda a manter a forma. "Quando a gente é moleque, pode dar uma escancarada e sentir menos as conseqüências. Quando se é mais velho, é preciso dosar e ter tempo para recarregar as baterias", explica. Eraldo concorda: "Quando eu era mais novo, ia pra praia e ficava o dia inteiro surfando sem parar. Nem voltava pra casa. Comia qualquer coisa e ficava horas dentro d'água. Hoje em dia, não faço mais esse tipo de coisa. Procuo planejar melhor para não me expor demais a possíveis contusões. Só os mais experientes conseguem sacar essas coisas. Você precisa de tempo pra chegar a esse estágio. Parece fácil e simples, mas na verdade é necessário viver muitos anos para entender certas coisas". Burle tem sua própria teoria sobre o tema experiência: "Para surfar ondas grandes, o surfista precisa ter surfado ondas pequenas antes. Não dá para querer sair dropando uma onda de 20 pés sem ter quilometragem em ondas de 8, 10, 15 pés. Uma carreira de big-rider não se compra. Não se inventa. Se constrói com muito esforço, uma boa dose de coragem e muitos caldos". Um big-rider tem que estar preparado para enfrentar situações de extremo perigo. Eraldo e Burle já passaram por isso. Um outro fator torna o surf de ondas grandes ainda mais difícil. Eraldo explica: "Não é todo dia que quebram ondas grandes. Estou falando de ondas com mais de 20 pés. São poucos dias por ano em que você pode treinar nessas condições. Por isso a preparação é tão importante. Você tem que estar pronto no dia em que o mar subir". Neste último inverno, Burle e Eraldo deixaram a maioria dos demais surfistas de ondas grandes para trás. A atuação da dupla no dia 21 de novembro de 2001 em Maverick's foi antológica. Eraldo rebocou Burle para dentro de uma onda imensa, que chegou a ser apontada como a maior já surfada por um homem. "Houve muita polêmica em torno disso", afirma Burle. "Mas o que importa

mesmo é que eu e o Eraldo estávamos no lugar e na hora certos", conclui. Depois que formou a dupla de tow-in com Burle, Eraldo vem aparecendo nos lugares certos ao lado do seu parceiro. Burle já havia estado em Maverick's várias vezes antes do dia 21 de novembro passado, mas para Eraldo foi a primeira experiência nas grandes e geladas ondas do pico mais famoso no norte da Califórnia. "Maverick's é incrível!" confirma Eraldo. Os resultados dessa trip para Maverick's estão até hoje rendendo frutos para a dupla. Burle e Eraldo são os favoritos para ganhar os 50 mil dólares e um carro oferecidos pela Nissan. Se ganharem o prêmio, vão dividir entre eles, pois é assim que uma dupla de tow-in trabalha. Sempre unida. Apesar de Burle ser o surfista na onda, foi Eraldo quem o rebocou para dentro dela. "Eu e o Eraldo estamos treinando juntos há muito tempo. O tow-in não é como o surf. Ele envolve muito mais equipamento e treino. A dupla tem que estar entrosada. Sabendo exatamente o que está fazendo." Pois é, depois de o dia 21 de novembro ter entrado para a história como um dos maiores de todos os tempos, Burle e Eraldo estavam em Jaws, no dia 7 de janeiro, quando o outro grande swell da temporada deu o ar da sua graça. As ondas atingiram um tamanho poucas outras vezes visto no Hawaii, e com a presença de alguns dos melhores tow-in surfers do planeta, Burle e Eraldo acabaram em 3º lugar na Tow-in World Cup. "Nossa prioridade neste último inverno sempre foi o campeonato em Jaws. Desde o princípio a gente sabia que uma boa atuação seria importante para a nossa carreira. Tanto no nível nacional quanto internacionalmente." Apesar de ser mais novo e de ter tido Eraldo como um de seus mestres, Burle conheceu a fama e o reconhecimento no exterior antes do seu velho guru. Desde que venceu o mundial de ondas grandes em Todos Santos, num dia que também entrou para a história graças ao tamanho das ondas, Burle vem sendo cada vez mais respeitado e reconhecido fora do Brasil. Não foi à toa que acabou se tornando o primeiro brasileiro a ser convidado para o Eddie Aikau. A causa desse sucesso internacional é a perseverança e o profissionalismo com o qual Burle encara sua carreira. "Muitas vezes fico enrolado com os afazeres burocráticos que a minha carreira acarreta. Lógico que eu preferia estar dentro d'água surfando. Mas se eu não atender a imprensa, não me mantiver em comunicação constante com meus patrocinadores... Bem, não dá pra ser diferente." Surfar as maiores ondas do mundo envolve risco de vida. Alguns surfistas já morreram tentando surfá-las. Mark Foo, Todd Cheser, Don Sollemon... Mas, se não bastassem os riscos inerentes ao surf propriamente dito, ainda existem outros perigos em lugares como Maverick's, por exemplo. Tubarões-brancos são vistos com relativa freqüência nas redondezas de Maverick's, mas Eraldo garante que não se preocupa muito com eles: "Num line-up com ondas de 20-30 pés, ninguém está pensando nos tubarões". Mas a dupla viveu uma experiência marcante ano passado, em Cape Town, na África do Sul. Os dois se surpreenderam com o aparecimento de dois tubarões-brancos enquanto Burle rebocava Eraldo para dentro de ondas de 15 pés em Dungeons, um dos melhores picos de ondas grandes da África. Em Dungeons existe uma colônia de focas bem ao lado do pico. Para quem não sabe, um dos alimentos favoritos dos tubarões-brancos são as focas. "A gente sabia que naquele lugar poderia dar de cara com um tubarão-branco. Tanto foi que nós o avistamos logo que ele apareceu. O Burle tava me puxando em direção ao outside quando olhou pra frente e viu a barbatana. Quando ele virou para me avisar, eu balancei a cabeça dizendo que também já tinha visto."

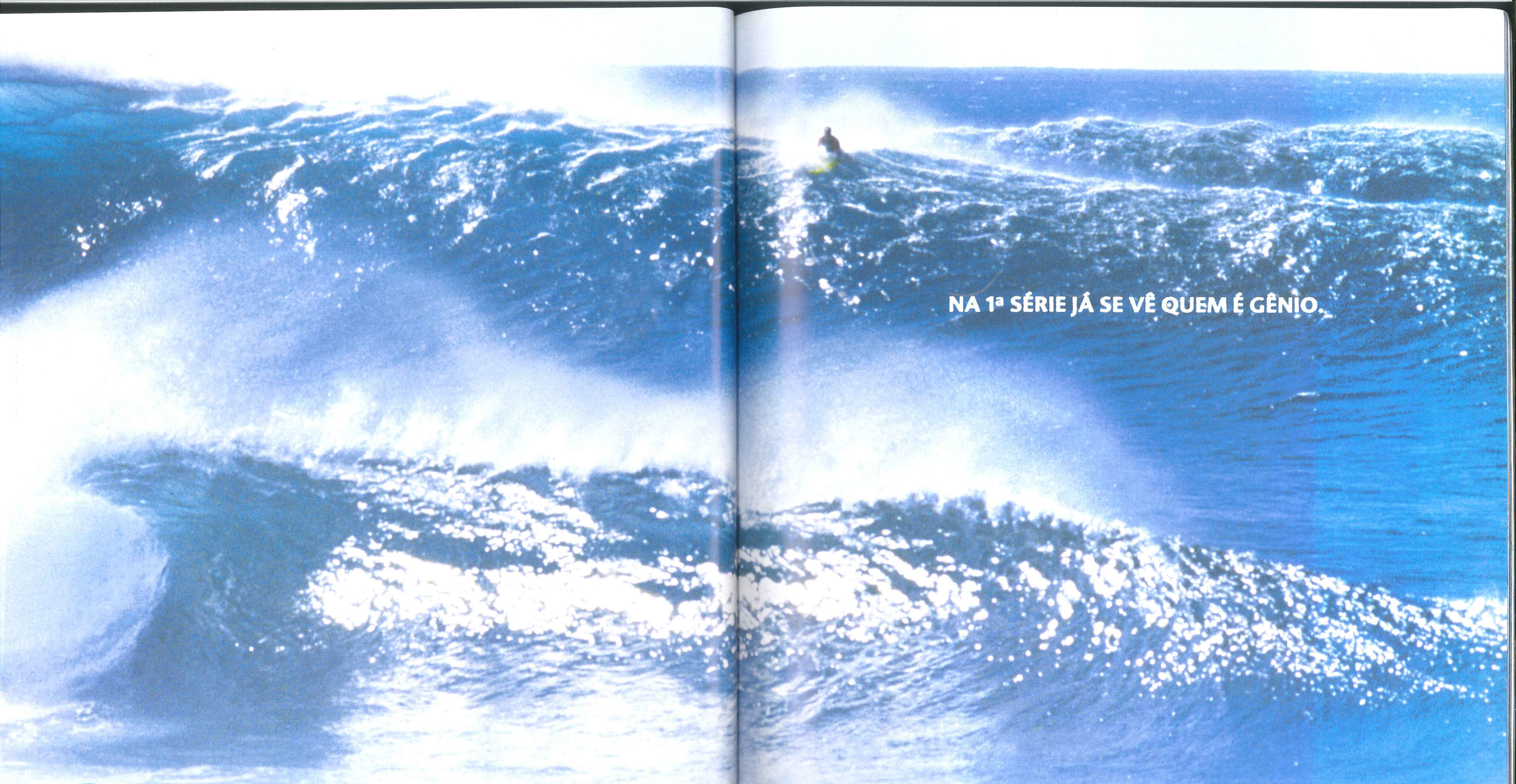
Segundo Burle: "A gente viu uma sombra, que mais parecia um submarino, vindo em nossa direção. No início, a barbatana nem tava muito pra fora, mas depois que ele emergiu mais um pouco deu pra ter certeza que o bicho era grande mesmo". Burle fez a volta com o jet-ski, mas a manobra deixou Eraldo, que ainda estava sendo rebocado de pé na sua prancha, ainda mais perto do tubarão. "As duas duplas sul-africanas que estavam na água já tinham pulado para cima dos seus jet-skis e passaram batido por nós, berrando: 'Great white! great white!'"

Mas qual seria o limite do homem? Onde está o Everest do surf? Quando será surfada uma onda de 100 pés? Eraldo explica: "Passei muitos anos investindo em Waimea, mas de uns anos pra cá tenho ouvido muitas histórias sobre Maverick's. Estive lá pela primeira vez neste último inverno, e a conclusão a que cheguei é que, enquanto em Waimea as ondas começam a fechar quando passam dos 20 pés, o potencial em Maverick's é muito maior. Jaws é outro lugar que conheci faz pouco tempo, onde sei que também quebram ondas gigantes. Mas existem outros lugares com potencial para quebrar ondas tão grandes ou maiores do que essas". Alguns dias sempre ficam marcados para sempre na mente dos surfistas. Com Burle e Eraldo, não é diferente. "As maiores ondas que já peguei remando foram em Todos Santos, durante as finais do mundial da ISA, e em Maverick's", conta Burle, que se emprega quando fala de Maverick's: "É um dos poucos lugares do mundo onde você pode pegar uma onda de 30 pés remando". Mas e Waimea? E o Hawaii? Afinal de contas, onde quebram as maiores ondas do mundo? Burle dá sua opinião: "Nestes anos todos, nunca vi Waimea quebrar igual ao dia do mundial em Todos Santos, muito menos parecido com o tamanho que eu já surfei em Maverick's. Com o surgimento do tow-in, não existe mais limite". Burle vai mais longe: "Nos próximos anos, vamos descobrir ondas gigantes em lugares onde nunca havíamos pensado que quebrassem ondas surfáveis".



Foto Clemente Coutinho

BURLE PIPELINE



NA 1ª SÉRIE JÁ SE VÊ QUEM É GÊNIO.



Cada um é gênio na sua praia. Os do surf estão aqui

Em seu quarto ano, o BIG TRIP está dando RS 30.000 ao surfista que pegar com sucesso a maior onda e mais RS 5.000 para o fotógrafo/cinegrafista que capturar a melhor imagem da onda vencedora. O período válido para as inscrições começou em outubro de 2001 e termina

noite de 30 de abril de 2002. Valem ondas de qualquer lugar do planeta e surfistas só do Brasil. Solicite sua ficha de inscrição, regulamento ou informações pelo fone (55-11) 3898-8262, com Daniela ou no e-mail danielab@revistatrip.com.br ou entre no site www.bigtrip.com.br.

Realização:



Patrocínio:



Site Oficial:



MARCOS BRILLANT

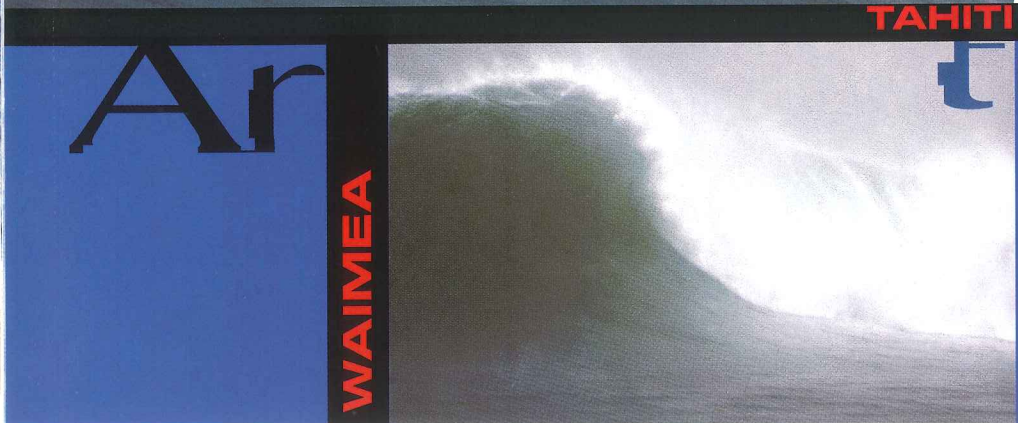
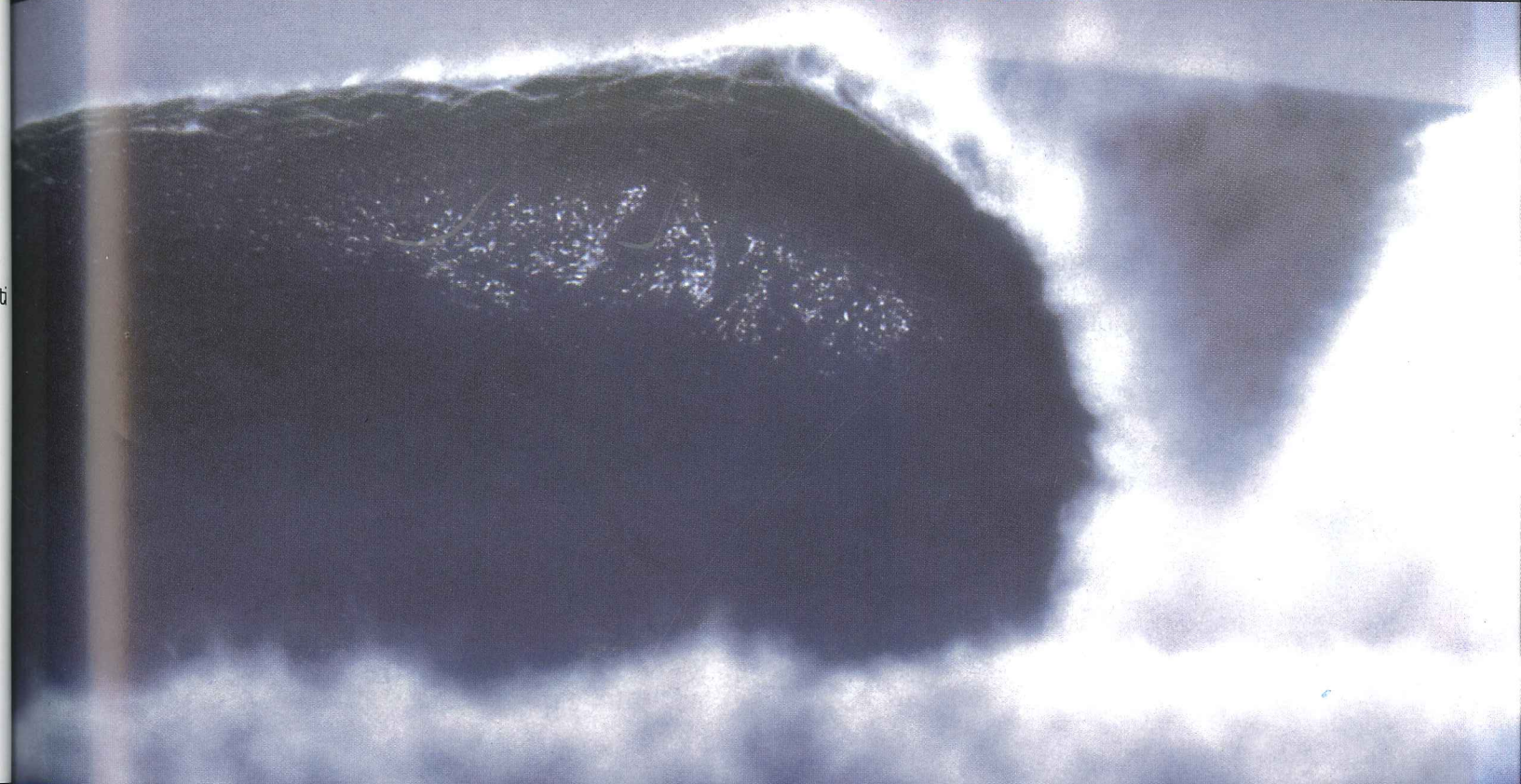
UM APAIXONADO PELAS ONDAS

Por Alberto Woodward

SURF

Há cerca de 15 anos o engenheiro carioca Marcos Brillant abandonou a profissão para se dedicar à sua verdadeira vocação: a pintura.

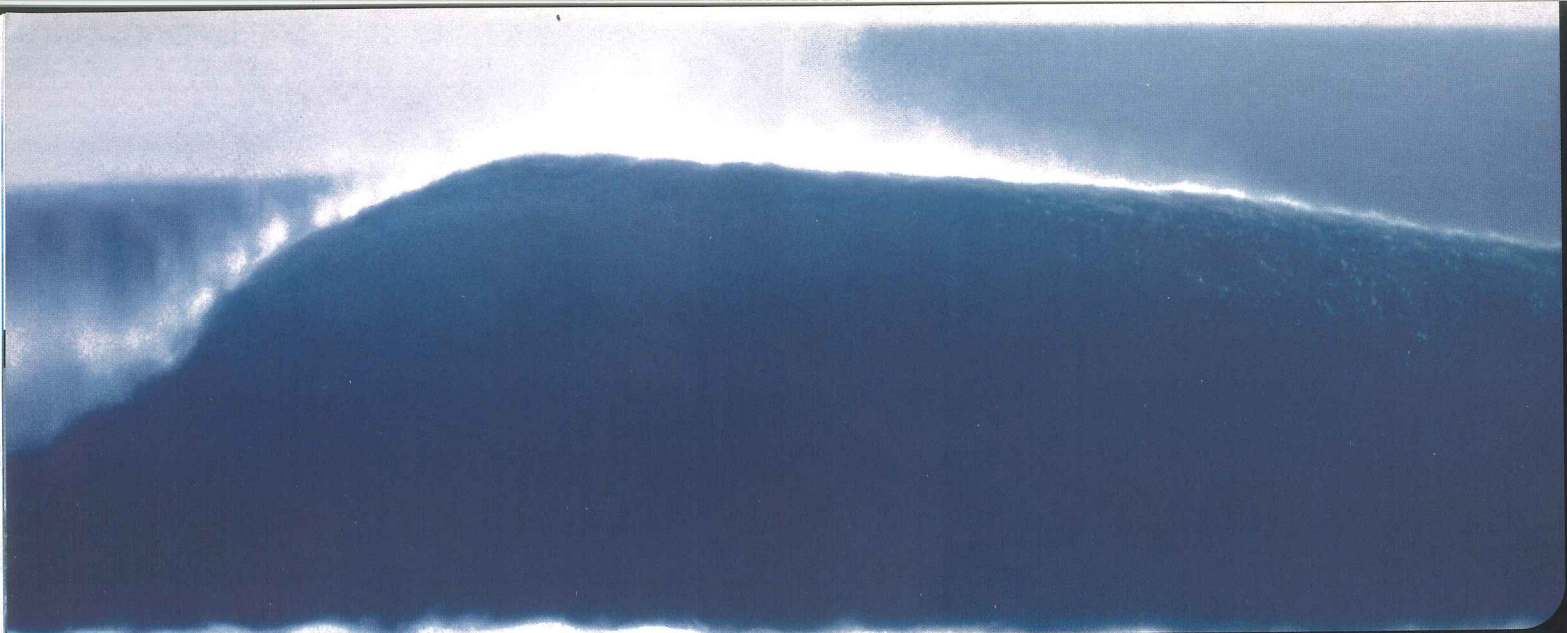
MARESIAS



Arte



Seu trabalho utiliza uma técnica mista de aerógrafo (airbrush) e pincel, com tinta acrílica sobre duratex e, às vezes, sobre tela.



Marcos nunca fez um curso de desenho, mas desde criança já rabiscava com desenvoltura imagens no papel. Embora o trabalho o impedisse de se dedicar à pintura como gostaria, não chegou a abandonar esse hábito. Então, aos 40 anos, resolveu assumir sua veia artística, passando a reproduzir, em telas gigantes, toda a magia das ondas, principal tema de seus quadros.

Em seu trabalho, utiliza uma técnica mista de aerógrafo (airbrush) e pincel, com tinta acrílica sobre duratex e, às vezes, sobre tela. Apesar de ser um autodidata, desenvolveu uma impressionante habilidade com o aerógrafo, chegando a ministrar muitos cursos sobre a utilização dessa técnica. Já participou de vários leilões e exposições, individuais e em grupo, e seus trabalhos foram expostos em cenários de novelas e seriados da Rede Globo.

O fascínio pelo mar fez com que ele se dedicasse quase exclusivamente a pintar de forma ultra-realista um único tema: as big waves. "Eu não sei surfar, mas sempre que posso estou na praia pegando um jacaré, no mar fazendo caça", diz o artista. "No entanto, sou um apaixonado pelas grandes ondas. Sua energia e beleza plástica me inspiram. Vejo nelas constantes mudanças, como uma vida que flui." Brillianti retira suas ondas de imagens fotográficas, mas muitas vezes muda a perspectiva do observador, a fim de colocá-lo de frente para a onda.

Seus quadros têm em média o tamanho de 1 m x 2 m e podem ser encontrados em exposições de fim de semana nos seguintes locais: São Conrado Fashion Mall, Rio Design Center, Gávea Shopping e Casashopping, todos no Rio de Janeiro. O custo de suas obras varia entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.000,00. Contatos com o artista podem ser feitos pelo telefone (21) 2710-1874 ou pelo e-mail: brilliant@nitnet.com.br .

MARCOS BRILLANTI



WEST JAVA



TODOS OS SANTOS



SUNSET

ARTE

WINTER 2002



UG10016




WWW.GUL.COM.BR



ENERGIA EM MOVIMENTO

Na filosofia chinesa do Feng Shui, vento e água, são duas energias em movimento, das quais o ser humano depende mas não pode controlar. O vento é uma energia que você sente, mas não toca. A água você toca, mas não segura. Na verdade, a própria expressão Feng Shui, significa vento e água, uma antiga arte chinesa de viver em harmonia com o ambiente. A energia em movimento tem tantas e interessantes interpretações físicas e espirituais, que nos inspirou a fazermos um ensaio sobre isso. Começamos por essa interpretação oriental pela sua óbvia identificação com o surf, embora pudéssemos começar com qualquer uma delas, afinal, o surf é pura energia em movimento. Essas frases são fragmentos de textos, científicos, esotéricos e religiosos.

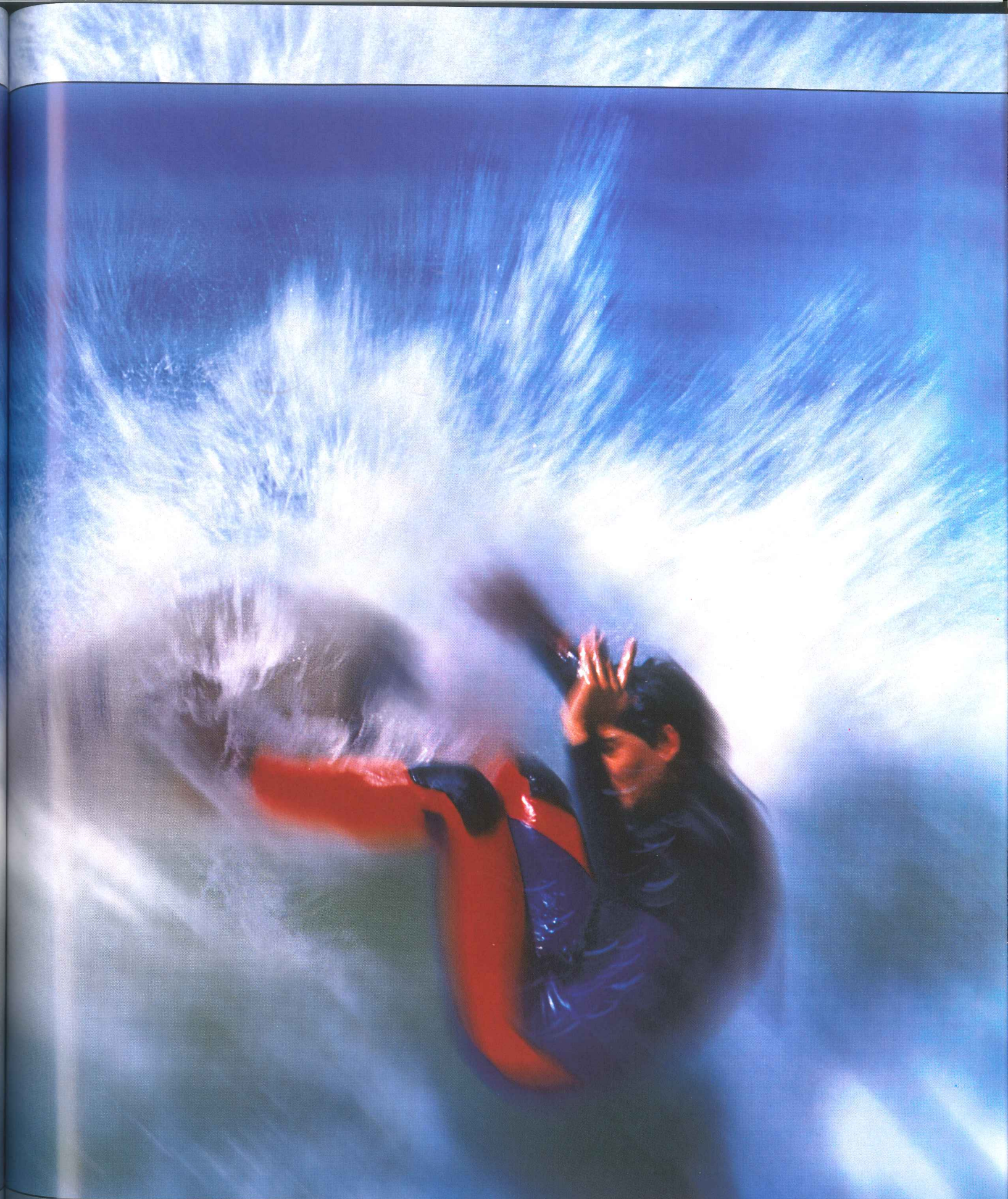


**Todos os fenômenos materiais
estão se desintegrando
e se transformando momento
a momento, num nível sutil,
de acordo com uma precisa lei
de conservação de energia,
segundo a qual a energia nunca
se perde no universo,
alterando-se continuamente
em novas formas.**




“Chakra” é palavra
originária da Índia e
significa “energia
em movimento espiral”
ou “roda de energia”.
Em nosso corpo,
destacam-se sete
centros de energia.
Eles se localizam
na parte frontal da
coluna vertebral,
e estão alinhados
do alto da cabeça até
o fim da coluna.

**As correntes, por onde flui
nossa energia vital,
se dividem em três
modalidades: o pensamento,
ligado a Satwa, a
respiração, ligada a Rajas,
e as secreções glandulares,
ligadas a Tamas.
O Sadhaka, ou praticante
da Sadhana, utiliza os
mantras para pôr a energia
em movimento.**




Os sábios chineses
já diziam,
há alguns milênios,
que a vida poderia
ser considerada
energia em
movimento.
A força que flui,
seguindo os ritmos
da natureza,
na busca incessante
do equilíbrio entre
os opostos, dá
ao corpo humano
flexibilidade e saúde
para o pleno
funcionamento dos
órgãos e a
adequada
administração
das emoções.






Tudo é feito de energia
em constante mudança.
Tudo é energia.
O universo, e tudo o que
nele existe, está
num contínuo estado
de evolução.
Tudo é expressão
de padrões transitórios
de energia em movimento.
Estamos submersos
num oceano de energia
em constante
mudança e movimento.



**Seu corpo é um
turbilhão de energia
que o torna um foco de
poder no universo.**

**Seu corpo é um
transmissor de energia
luminosa que
irradia para o mundo
e o universo.**



Quer o endereço deste pico?

Anota aí: www.waves.com.br

waves

www.waves.com.br

Achar a onda perfeita fica mais fácil se você sabe onde procurar. Acesse www.waves.com.br e confira a cobertura dos melhores picos do Brasil. São mais de 100 picos com boletins fotográficos atualizados diariamente. São Sebastião (SP), Ubatuba (SP), Guarujá (SP), Santos (SP), São Vicente (SP), Praia Grande (SP), Florianópolis (SC), Imbituba (SC), Garopaba (SC), São Francisco do Sul (SC), Torres (RS), Rio de Janeiro (RJ), Saquarema (RJ), Vila Velha (ES), Itacaré (BA), Salvador (BA), Laura de Freitas (BA), João Pessoa (PB), Fortaleza (CE) e agora também em Peruíbe (SP), Matinhos (PR) e Itacoatiara (RJ). Você ainda confere a previsão de entrada de ondulação e links meteorológicos. Anotou? Waves, neste site você não navega. Você surfa. Acesse já!

terra 

Estamos bem nesta edição, relembramos o Ten Years After. Entre a nova geração, apresentamos o hardcore neo-metal do P.O.D. O Fear Factory é o destaque dos DVDs, e nos CDs só tem coisa boa. Não se esqueça de conferir o Alma Sonora no site: www.almasurf.com.br.

Por Alberto Woodward

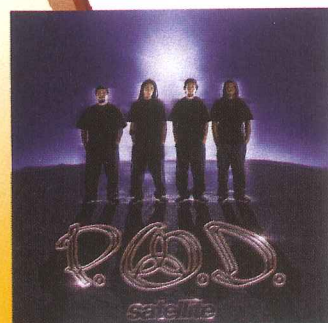
ARREBENTANDO TÍMPANOS E FAZENDO CABEÇAS P.O.D. (Payable On Death)

Eles são de San Ysidro (conhecida como Southtown), perto da fronteira da Califórnia com a cidade mexicana de Tijuana, um ponto do planeta bastante conturbado e ao mesmo tempo interessante. Por isso mesmo agregam influências diversas na formulação de um poderoso rock neo-metal. O som do P.O.D. (Payable On Death) é uma explosão de peso que nos leva a um rock poderoso, cheio de referências. Em 1992, o baterista Wuv convidou seu primo Sonny, um cara ligado em hip-hop, para se juntar a ele e ao guitarrista Marcos em sua banda hardcore. O último a integrar o elenco foi o baixista Traa. O som dos caras agradou, e logo eles começaram a



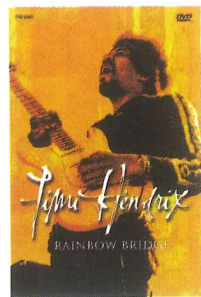
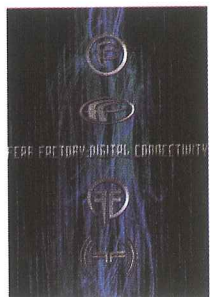
juntar alguns admiradores, carinhosamente alcunhados de "Warriors". Lançaram quatro discos independentes pelo selo Rescue Records, e a oportunidade de abrir shows de grupos consagrados, como Green Day e Pennywise, os colocou em evidência para um público maior. O primeiro disco por uma gravadora de porte aconteceu em 99. A banda assinou com a Atlantic Records e lançou *The Fundamental Elements of Southtown* em 24 de agosto. O disco de estréia, além de ser muito bom, conseguiu ser ouvido, o que nem sempre acontece, ganhando as paradas e recebendo o disco de platina. Assim eles ganharam a mídia, passando a ser conhecidos da noite para o dia, com espaços nas páginas dos grandes veículos, como a revista *Rolling Stone*. O som do quarteto incorpora uma série de estilos, passando pelo rock, hip-hop, metal e hardcore, onde se pode notar, também, a influência de grupos como Rage Against the Machine e Beastie Boys. Talvez por isso mesmo foram tão bem assimilados, ganhando notoriedade rapidamente entre a galera. Quando uma banda consegue sucesso rápido no primeiro disco, logo surge a expectativa sobre o segundo.

Seriam eles capazes de repetir o feito? Se *The Fundamental Elements of Southtown* levou o nome do P.O.D. às alturas, o novo CD, *Satellite*, os eleva à estratosfera. O disco é uma explosão de porradas de decibéis, suficientes para estourar os tímpanos e fazer a cabeça da galera. Superando o lançamento anterior, faturou platina dupla nos EUA, o que os coloca em definitivo no hall da fama. Letras poderosas e carregadas de emoção podem ser encontradas em músicas como "Youth of the Nation", que narra os problemas de violência nas escolas americanas. A segunda faixa, "Alive", também é um dos destaques, mas minha favorita é a música título, "Satellite", que começa com um riff de guitarra que é de encher os ouvidos. Para Marcos, o motivo do rápido sucesso do grupo deve-se ao fato de eles serem impulsionados pela paixão e emoção, "acho que esse é o segredo das grandes bandas", afirma ele, "nós sempre tentamos colocar em nossa música todo o nosso amor e tudo o que trazemos dentro de nós". Está aqui uma boa dica para quem viaja na linha musical de bandas como Linkin Park, Deftones, Korn etc., e quer ir um pouco mais além... P.O.D. é puro som.



UMA DÉCADA DE FEAR FACTORY

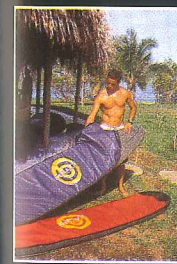
Este DVD é uma comemoração aos 10 anos de carreira da banda. Na verdade, *Digital Connectivity* é um presente para os entusiastas do trash metal do FF, que flerta sem medo com outros processos sonoros, como a utilização de ingredientes eletrônicos na formulação de seu peso. Aqui se pode acompanhar cronologicamente a evolução do grupo, desde quando tocava em pequenos clubes e festivais até a turnê de seu último disco, *Digimortal*, lançado ano passado. O termo "connectivity" é empregado na informática, e significa a medida da capacidade de os computadores trabalharem simultaneamente em rede. No caso deste DVD, é certamente uma referência ao fato de que nele se encontra tudo o que se podia esperar, como se fosse uma web mídia: vídeos, apresentações ao vivo, faixas novas e outras raras, discografia completa, vídeos caseiros, etc. e tal. Prato cheio para os fãs.



HENDRIX MAIS UMA VEZ

Não faz muito tempo, falamos sobre este maravilhoso DVD de Jimi Hendrix, gravado no Hawaii, em 1970. Bom, então o leitor pode estar perguntando: "Se já falou, por que está comentando outra vez?". Por que é bom demais, meu caro; na verdade, um filme indispensável para quem curte surf, anos 60, ioga e Hendrix. O DVD mostra a última primavera do maior mestre da guitarra em todos os tempos e o seu incrível amadurecimento sonoro. Fico imaginando o que viria depois disso, se ele não tivesse morrido. Clássico cult dos anos 70, completamente restaurado da única película de 16 mm existente, agora disponível em edição nacional pelo selo ST2.

BULLY'S



Jaime Viudes Campeão paulista amador 2000



Olímpinho Campeão brasileiro pro 1999



TEN YEARS AFTER 30 ANOS DEPOIS

Formado por Alvin Lee (guitarra e vocal), Chick Churchill (teclados), Ric Lee (bateria) e Leo Lyons (baixo), na cidade de Nottingham, na Inglaterra, Ten Years After é umas das muitas bandas da época que se aprofundaram no blues para fazer seu rock'n'roll. A música negra americana estava na moda no Reino Unido, e muitos grupos se inspiravam nela. Foi o caso dos Yardbirds (de onde surgiram Jimmy Page, Jeff Beck e Eric Clapton), Eric Burdon and the Animals, Fleetwood Mac, Savoy Brown e até mesmo os Rolling Stones. No entanto, o Ten Years After tinha um certo diferencial em sua sonoridade,

havia um timbre jazzístico evidenciado no jeito como tocavam, mas não era uma coisa tão marcante quanto no som de John Mayall. O TYA teve origem no Jaybirds, grupo de 1963 formado por Leo Lyons, Alvin Lee e Dave Quickmire. Com o passar do tempo, a formação foi se alterando, e em 67 resolveram mudar o nome para um de acordo com o cenário underground e progressivo no qual eles transitavam na época. Chegaram a se apresentar como Blues Trip e Blues Yard, até se decidirem por Ten Years After, nome que eles tiraram de uma lista da rádio local. Porém, essa história de underground não iria durar muito. A mudança de nome parece ter trazido sorte. No mesmo ano começaram a tocar no Marquee (lendário clube londrino por onde passaram todas as grandes bandas da época, inclusive os Beatles), foram convidados a participar do Windsor Jazz and Blues Festival e conseguiram lançar o primeiro disco pela gravadora Deram (uma subsidiária da Decca) em outubro daquele ano. O álbum de estréia, batizado com o nome da banda, não foi um sucesso, praticamente ignorado pela crítica e pelo público, pois não trazia o mesmo carisma de suas apresentações nos clubes. No entanto, a

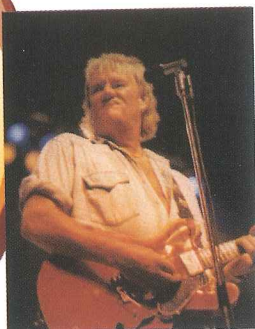


Foto Caio Martins

gravação chegou aos ouvidos do promotor de eventos Bill Graham, que, em junho de 1968, os convidou para fazerem shows no palco sagrado do Fillmore West, nos EUA, famoso reduto do rock. Um mês depois, eles lançavam o segundo disco, *Undead*, gravado ao vivo no Klooks Kleek Club, na Inglaterra. Em fevereiro do ano seguinte, com o lançamento de *Stonedhenge*, as portas começaram a se abrir em definitivo. Novamente são convidados a se apresentar nos States, dessa feita no Fillmore East, em Nova York, consolidando-se na preferência americana. A velocidade e virtuosidade de Alvin Lee na guitarra era tanta, que chegava a ofuscar os outros membros da banda. Não por estrelismo, era o estilo dele. A verdade é que Leo Lyons é um dos melhores baixistas de rock que já teve o prazer de escutar, Ric Lee é um ótimo baterista e o tecladista Chick Churchill não fica muito atrás. Os flertes com o jazz e as qualidades técnicas de seus membros fizeram deles a primeira banda de rock a ser convidada para o Newport Jazz Festival. Poucos dias depois, eles estavam no Festival de Woodstock como uma das principais atrações. Aquela fora a consagração: a furiosa performance de Alvin Lee na interpretação de "Going Home" deixou a platéia contagiada, e até hoje emociona quando a gente assiste ao filme. Ao lado de Jimi Hendrix, Alvin Lee foi considerado o melhor guitarrista de Woodstock. Solidificando o bom momento, é lançado o disco *Ssssh*, o melhor álbum do Ten Years After com grandes hits, como: "Stoned Woman", uma incrível versão de "Good Morning Little Schoolgirl" e "I Woke Up This Morning". A partir desse disco eles tinham ganhado um estilo próprio, uma identidade sonora que estaria presente nos próximos trabalhos. Em abril de 1970, lançam outro grande disco, *Cricklewood Green*, com destaque para a faixa "Love Like a Man". O resultado foi a lotação do Madison Square Garden, onde eles foram a segunda banda de rock que teve o privilégio de se apresentar. No fim do ano, mais um bom disco, *Watt*, e mais um grande hit: "I Say Yeah". A *Space in Time*, disco de 1971, trouxe uma pequena mudança no estilo, mais para o lado acústico, mantendo uma veia psicodélica, porém a clássica guitarra Gibson 335 de Alvin Lee continuava como marca registrada. A fúria do rock estava de volta em *Rock & Roll Music to the World*, lançado em 1972, emplacando "Choo, Choo Mama" e "You Give Me Loving". O tão esperado duplo ao vivo saiu em 73, com o conveniente nome de *Recorded Live*, comprovando a grande qualidade do Ten Years After no palco. Por ironia do destino, o álbum *Positive Vibrations*, de 74, seria o último dessa época áurea. Apesar do nome, o disco não fez muito sucesso, e o grupo se desmanchou em 75. Na verdade, o LP não era tão ruim, mas o relacionamento entre os integrantes já estava meio desgastado com tantas turnês e gravações. Passados oito anos da separação, eles voltaram a se reunir por ocasião do 25º aniversário do Marquee



Club. Esse curto reencontro resultou num grande vídeo chamado *At The Marquee*, e em mais um show que gerou o CD *Live at Reading '83*. Em 1989, um promotor de concertos da Alemanha os reuniu novamente para participarem de quatro apresentações em festivais. Eles aproveitaram a ocasião e gravaram um novo disco, *About Time*, saindo em turnê pelos Estados Unidos e pela Europa. A volta duraria pouco. Em 91 eles se separaram novamente, ao mesmo tempo em que a gravadora Chrysalis lançava o CD *Essential Ten Years After*. O caso é que já não era tão divertida como antes toda essa história de gravações, shows e compromissos, pois cada um tinha sua vida paralela e família, que não permitiam que ficassem tanto tempo longe de casa. No entanto, eventuais encontros não estavam descartados, e de fato aconteceram. Em 1987 eles participaram de três shows na Escandinávia. Entusiasmados, aproveitaram e deram uma chegada até o Brasil, onde nunca tinham se apresentado antes. Caio Martins, guitarrista do Spitfire Trio, banda paulista de blues/rock, esteve nesse show e comenta: "Para mim, foi um privilégio assistir a um show de uma importante e lendária banda como o TYA em um espaço relativamente tão pequeno como o Palace. Hoje em dia, infelizmente, um show de rock desse calibre acontece em grandes estádios, onde a escala e a distância transformam o evento em uma coisa totalmente impessoal, e, não raro, a música acaba sendo levada a um patético segundo plano. Alvin Lee, apesar de meio gordo e com uma aparência bem diferente daquela eternizada no filme *Woodstock*, executou suas composições e seus solos com a incrível técnica de costume. Uma surpresa agradável foi o baixista Leo Lyons: eu já sabia que ele tocava bem, mas a maneira como ele tocou aquele baixo de cinco cordas no show foi impressionante. Como era de se esperar, o ápice foi a execução de "Going Home", emocionante. Não tenho absoluta certeza, mas acho que o show foi idêntico ao álbum duplo *Recorded Live*, de 73", conclui o guitarrista brasileiro. Volta e meia eles se reúnem em algum lugar do planeta para lembrar os bons momentos do bom e velho rock'n'roll. O mais recente lançamento, *Live at the Fillmore East 1970* (importado), aconteceu em 2001, com 30 anos de atraso. Antes tarde do que nunca!

Flávio Pereira.
Aluno da Unipran,
estudando para a prova.

Um dos esportes mais praticados no mundo agora chega à Universidade. Faça parte desse estilo de vida estudando na Escola Universitária do Surfe que só a Unipran oferece.

Um curso completo, que aborda todos os aspectos físicos, biológicos e psicológicos do surfe, de maneira prática e teórica, durante 15 meses. Aulas às Segundas, Quartas e Sextas-feiras, ministradas por professores altamente qualificados no surfe e em outras áreas de conhecimento.

E mais, a Unipran está lançando também o *Integral Surf Training* - o mais completo programa de treinamento físico direcionado a surfistas.

Composto de musculação, *power yoga*, *big remada*, além de palestras e orientações de cunho nutricional e fisiológico, o *Integral Surf Training* oferece orientações e treinos com professores e profissionais de primeira linha.

Unipran. A oportunidade de ir muito além do surfe acabou de chegar.

- Inscrições abertas.
- Início das aulas: 13 de Maio de 2002.

Informações: CT Monte Serrat.
Rua Comendador Martins, 119 Santos/SP | Tel.: (13) 3222-8890


unipran
UNIVERSIDADE DA PRANCHA


UNIMONT
CENTRO UNIVERSITÁRIO MONTE SERRAT
www.unimonte.br



OBRA-PRIMA - THE WHO

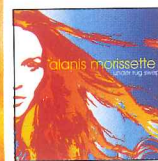
Live at Leeds, foi gravado na Inglaterra em 1970. 25 anos mais tarde este disco, lançado no Brasil (72) como LP simples, ganhou nova versão em CD (95), à qual foram acrescentadas mais músicas, para delírio dos fãs. Agora, comemorando 30 anos desse histórico show, a Universal lança no mercado nacional o show na íntegra. Um CD duplo que, além dos grandes sucessos, traz a consagrada ópera rock *Tommy*. Cara, é o máximo, imperdível!



PUNK PARA ALGUNS, ALTERNATIVO PARA OUTROS

Lenda do rock independente americano, Bob Mould foi guitarrista e líder do Hüsker Dü (anos 80) e do Sugar (anos 90). Seus trabalhos solos chegam agora ao Brasil através de dois lançamentos: *Bob Mould*, de 96 (lançado lá fora sob o nome de *Hubcap*), e *The Last Dog and Pony Show*. Dois belíssimos CDs, dignos das melhores cedotecas. Neles, elétrico e acústico se compõem harmoniosamente, resultando em um rock inspirado e agradável.

sonora



OUTRO BOM DISCO DE ALANIS

Under Rug Swept, novo trabalho de Alanis Morissette, me lembrou dois ídolos da cantora: Joni Mitchell pela maneira como impõe a voz e John Lennon pela sinceridade das letras. Alanis é a voz feminina do rock no momento. Seu estilo é original e característico, ninguém canta e soa como ela. Um disco cheio de inspiração e energia, como os trabalhos anteriores, ratificando sua consagração.



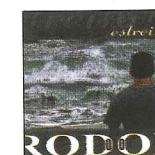
NADANDO CONTRA A CORRENTE

Originário de Glasgow, o Mogwai faz um som experimental no estilo post-rock. A banda surgiu em 1996. Influenciados por My Bloody Valentine, Slint e Sonic Youth, os caras evoluíram rapidamente, e hoje seus primeiros singles são raros e fora de catálogo. A Trama acaba de lançar dois belos trabalhos do Mogwai. O primeiro é o CD *Ten Rapid*, que traz uma coletânea desses singles que acabamos de citar. E o outro é o terceiro CD, *Rock Action*, que os levou ao topo das paradas independentes mundiais. Os dois são altamente recomendáveis.



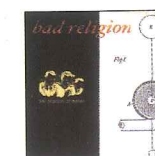
ANTOLOGIA PRATO CHEIO

Apesar de já existirem outras coletâneas deles por aí, *Young Lust: The Aerosmith Anthology* tem um pequeno diferencial, pois traz músicas inéditas, out takes, remixagens, gravações orquestradas e ainda a irada versão de "Walk This Way" com o Run D.M.C. Um disco perfeito para quem não tem nada do Aerosmith e, também, para quem tem tudo e procura um pouco mais. De brinde, o CD traz uma tatuagem com o logo da banda, mas não fique vacilando porque a tiragem é limitada!



CABRA RAIMUNDOS AGORA É RODOX

Rodolfo largou os Raimundos e foi ser feliz surfando (sabia não?, o cabra é chegado nas waves) e fazendo seu próprio hardcore. Para dedetizar qualquer traço com o passado recente, batizou sua nova banda com o nome de Rodox. O disco tem peso suficiente para não deixar saudades do que passou. O som é legal e vale a pena dar uma orelhada; mesmo quem não gostava dos Raimundos, pode vir a curtir o novo som de Rodolfo.



PÉROLA PUNK

Como um vinho de qualidade, o Bad Religion continua cada vez melhor. O novo disco, *The Process of Belief*, é um torpedão sonoro capaz de fazer surdo balançar e emudecer os críticos, provando que o grupo é o ícone máximo do punk californiano. A banda sofreu umas alterações (Brooks Wackerman assumiu a bateria e Brett Gurewitz está de volta na guitarra), no entanto isso não causou nenhuma alteração significativa no som, que continua muito bem, obrigado. Entre as faixas, o destaque vai para "Epiphany". Simplesmente demais!



MAIS UMA BOA DE GLASGOW

O Cosmic Rough Riders é top de linha entra as bandas do selo Poptones, que a Trama acaba de lançar no Brasil junto com mais meia dúzia de títulos. O grupo é novinho em folha, foi formado em 1998, mas soa com o timbre psicodélico das bandas inglesas dos anos 60. Apesar do curto tempo de vida, *Enjoy the Melodic Sunshine* é o seu terceiro disco. Os anteriores foram lançados pelos próprios em selo independente, mas foi o suficiente para dar a eles um status de cult. Esse é dos bons!



A NOVA BOSSA DO MENESCAL

Roberto Menescal figura entre os mais importantes nomes da bossa nova. Atento ao universo sonoro que o cerca, ele resolveu assimilar novas tendências, dando uma nova bossa para a bossa nova. Logo, a bossa agora é realmente nova! Baseados no acid jazz, que mistura o jazz ao rap e ao funk, em uma levada groove, o Bossacucanova & Roberto Menescal resolveram fazer algo parecido com a bossa nova. Assim nasceu o disco *Brasilidade*, que, por traz do violão suingado, usa ritmos sampleados de antigos discos de vinil, fundidos com modernos ritmos eletrônicos. Virou um groove cheio de bossa!



VERSÁTIL E TALENTOSO

Andrew Bird's Bowl of Fire chega ao Brasil em dose tripla: a Trama resolveu lançar a obra completa numa tacada só. Os dois primeiros discos, lançados nos EUA em 1998 (*Thrills*) e 99 (*Oh! The Grandeur*), apresentam uma característica à la Django Reinhardt misturada com a sonoridade sombria de Tom Waits. O mais recente, *The Swimming Hour*, é diferente: o jazz se mescla ao soul de Memphis da década de 60, garage rock e uma pitada de pop alternativo. O resultado é interessante.



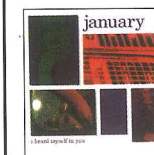
NÃO É PARA INICIANTES

O novo disco de Ron Wood, guitarrista dos Rolling Stones, não poderia ter um nome mais apropriado. *Not for Beginners* é um CD de rock'n'roll clássico e maduro: são músicas elaboradas, do tipo que precisamos ouvir mais de uma vez para perceber o quanto são boas. Na gravação, Bob Dylan assina duas faixas instrumentais, vejam vocês! Um disco para quem sabe apreciar o bom e velho rock'n'roll.



HERDEIRO AFROBEAT

Femi Kuti lança no Brasil seu novo disco, *Fight to Win*. Filho de Fela Kuti, o rei do afrobeat nigeriano, neste disco ele faz um regresso às suas raízes, porém mantendo os elementos de jazz, hip-hop, funk, salsa, samba e house que ele incorporou ao seu som. Um trabalho maravilhoso, provando que Femi faz jus ao trono de seu pai.



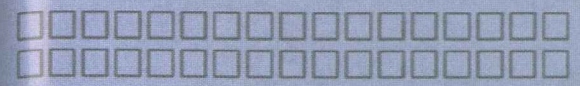
UM GRUPO INSPIRADO

O January é um dos expoentes do movimento shoegazer, estilo de certas bandas inglesas do fim dos 80 e início dos 90, cujos integrantes tocavam quase parados, como se contemplassem os próprios sapatos, daí o nome shoegazer. A banda é top de linha do selo Poptones, apontada pelo semanário inglês *NME* como uma das mais promissoras da atualidade. Em *I Heard Myself in You*, o January faz um instrumental elaborado, que, somado ao vocal sutil de Simon McLean, dá uma característica bem original. Música tranqüila, para se ouvir a qualquer hora.



BACK TO SIXTIES' FLAVOR

O Outrageous Cherry é uma das poucas bandas da Poptones que não é do Reino Unido. Ela é de Detroit, EUA, mas soa como banda inglesa dos anos 60. O CD *Out There in the Dark* traz um som bastante interessante, em que podemos notar temperos de épocas e bandas diferentes, como Velvet Underground e Jesus and Mary Chain, dando um certo sabor nostálgico para um prato atual. Vale a pena provar.



SURF CLUB



SURF STORE



sky surf wind surf surfboard skateboard in line bodyboard

www.pipewave.com

Tamboré - 4195.0200
Continental - 3765.3590
West Plaza - 3862.3360
Osasco Plaza - 3683.6110
Bairro do Limão - 3951.7020

O carioca Beto Paes Leme é a mais nova revelação da fotografia brasileira. Dono de um indiscutível talento, Beto vem se especializando em fotos aquáticas, e nos últimos anos esteve em alguns dos melhores surf spots do planeta, registrando os momentos que mais lhe chamaram a atenção. A Alma Surf decidiu lhe prestar uma homenagem publicando algumas de suas melhores fotos, para delírio de nossos leitores.

Portfólio

Beto Paes Leme



Stephan Figueiredo - Ipanema

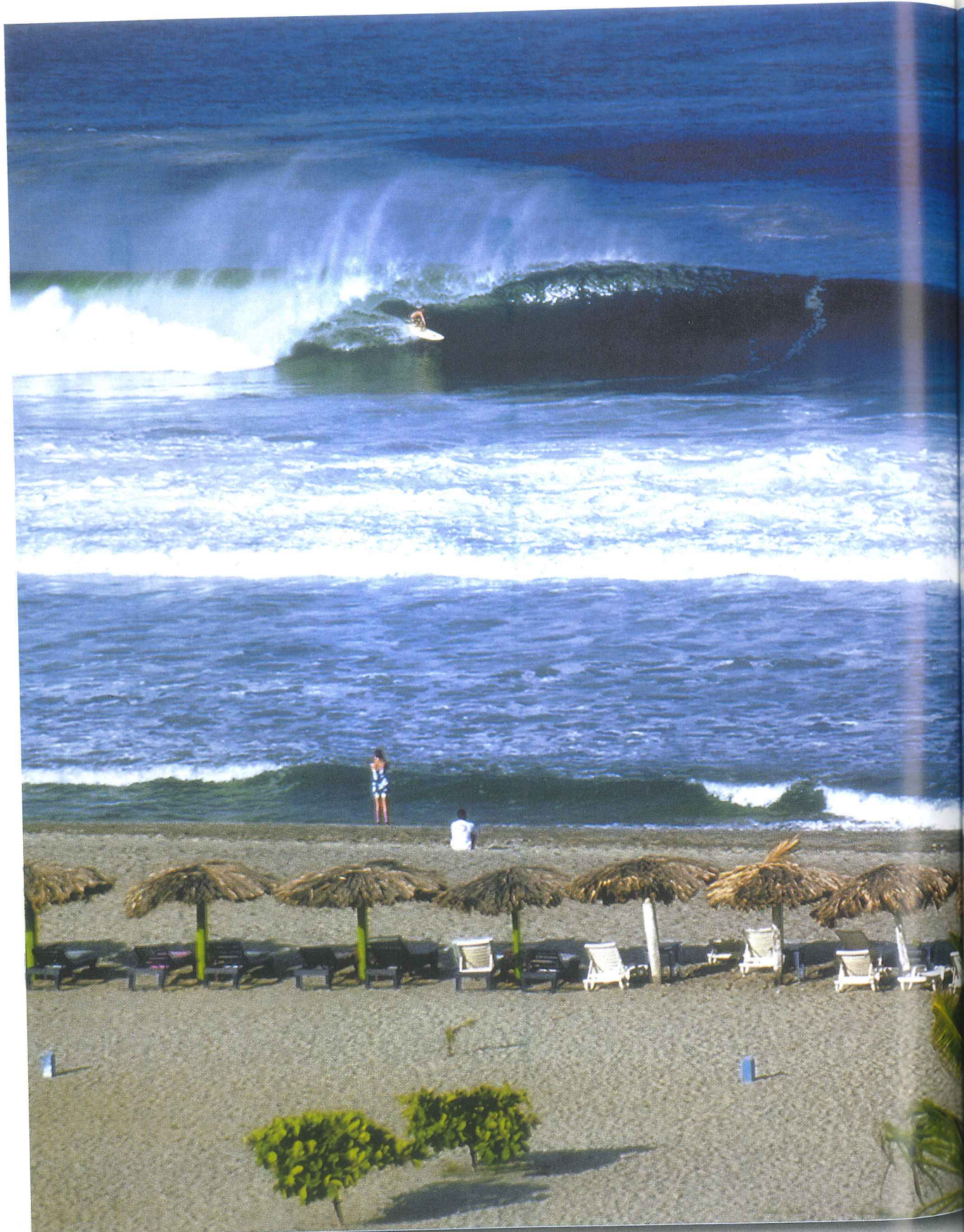


Fernando de Noronha

76 *Uma Surf*









A REALIDADE...

SURF CÓSMICO

■ Por Taiu Bueno

A vida não pára em nenhum instante. Estamos nessa onda, e ela é bem longa... até finalizarmos numa junção cósmica, nos transportando como energia para o Todo, o lugar de onde viemos...

Pitangueira

Observando os comportamentos e a situação demográfica do planeta hoje, é notável a diferença. Outro dia eu fiquei bem assustado com a quantidade de pessoas na praia das Pitangueiras, num dia de calor e sábado de feriado.

O surf nem se fala, na imensidão de praticantes e do crowd, nos mais diversos picos que existem nos dias de hoje. Uma coisa mudou radicalmente e muda cada vez mais... o conceito da magia do surf.

Hoje existe uma infinidade de categorias nas competições de surf. Elas são: amador, profissional, free-surfers, big-riders, petits e outras. Existem hoje também várias gerações, inclusive os de 80 anos, ainda vivos, praticando o esporte em todas as partes do mundo.

Porque, com todo esse crescimento físico, não seria o surf hoje um esporte que poderia estar mais na frente? Os valores mudaram? Será que esse monte de esportes radicais (kite, tow-in, snowboard, skysurf, skate etc.) estão deixando o surfista de remada para trás?

Talvez porque o surf seja tão selvagem (em lugares remotos), ele não é tão valorizado como o skate (Bob Bohurquist ganha 2,5 milhões de dólares/ano), um esporte que pode ser exibido em qualquer lugar com arquibancadas.

Outro fator que desvirtuou ainda mais o esporte para os surfistas de alma foi a chegada dos jet-skis e as dimensões que as ondas tomam no surf de tow-in. Essa prática rouba quase que todo o esplendor das ondas grandes (agora não tão grandes) quando surfadas na remada. A televisão quer ver novidade e absurdo. As ondas já surfadas de tow-in roubaram a cena.

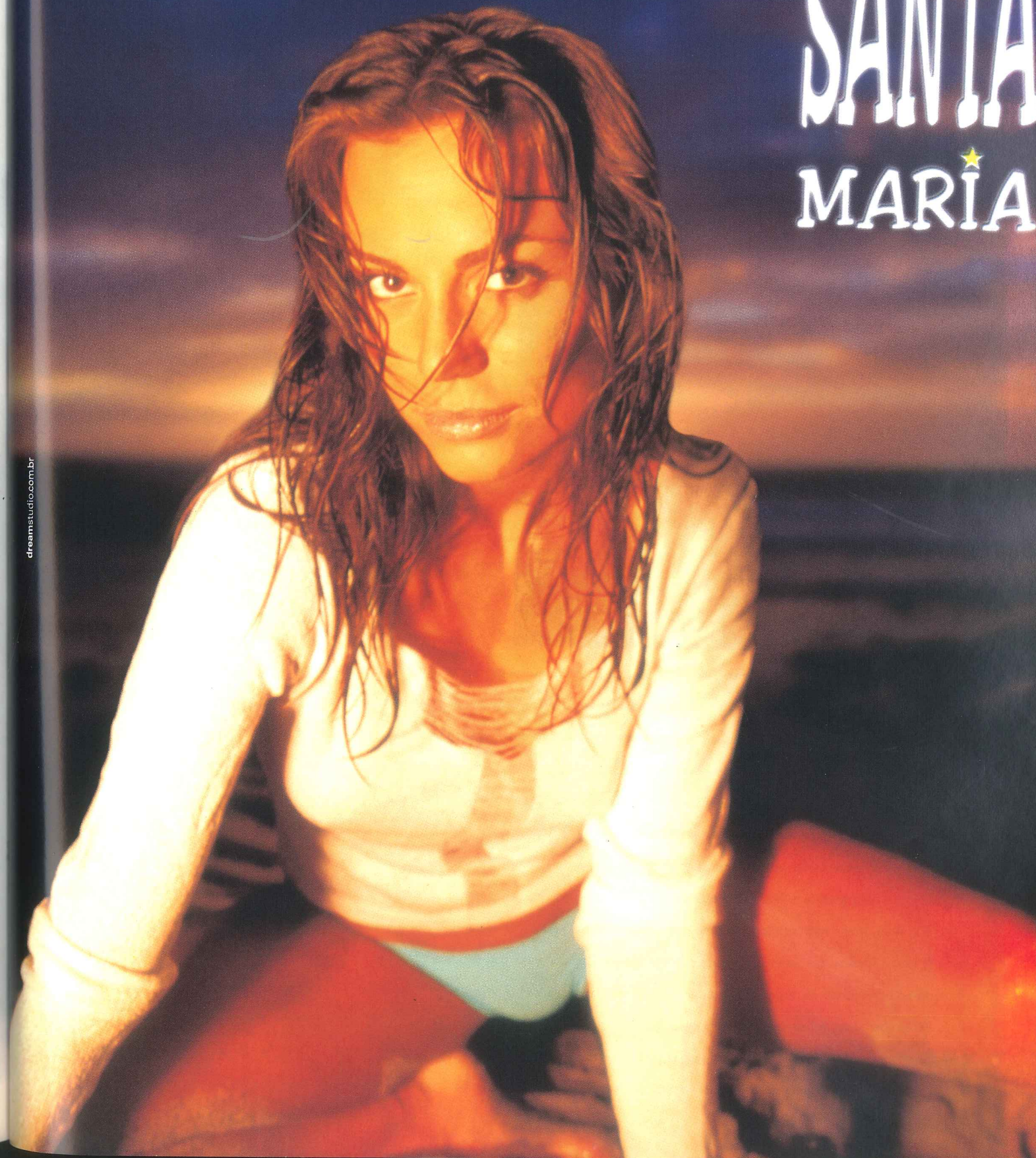
No surf de competição, temos 10 na elite dos top 44, e isso coloca o Brasil numa posição de destaque no cenário mundial. Antes não era assim. Acho que um resultado igual ao do Renan em Pipe 2000 (terceiro colocado) não provocou o impacto merecido. Pepe Lopes, em 76, quando fez a final do mesmo campeonato e ficou em sexto, foi muito mais valorizado pelo público geral. Naquela época, eram apenas 16 únicos competidores, tudo era novo, e Pipeline era o máximo.

Falando em surf, hoje, o grande público (programa *Fantástico*, *Jornal da Globo*) está a fim de ver a novidade/barbaridade de ondas nunca antes surfadas e que agora aparecem em imagens absurdas (dimensões extremas). Ele não está nem aí se foi o jet-ski ou não que colocou os surfistas na onda...

O conceito geral pode mudar, mas o feeling de um surf na remada, livre de óleo diesel e barulho, desligado de trambolhos, o puro feeling da natureza e da prancha, sempre vai continuar para muitos, enquanto a natureza não for destruída pelos homens.

A marca que faz moda surf exclusivamente para meninas.

SANTA
MARIA



dreamstudio.com.br

KAIKAMAHINE AS FILHAS DO SURF



Nicole Pacelli - Foto Silvia Winick

Por Alberto Woodward

Se o surf é um esporte de reis, todo surfista é meio rei, logo suas filhas (kaikamahine) são as princesas que herdarão por direito o legado de seus pais. Na verdade, qual é o pai que não considera sua filha uma princesinha? Mas, no caso dos surfistas, esse legado é feito de ondas, ou melhor, da arte de deslizar sobre elas. Partindo desse princípio, nasceu a idéia desta matéria, cuja intenção é mostrar algumas das pequenas almas femininas que descobriram, por influência dos pais, a alegria e a riqueza de dropar uma onda.

Voltando às origens do surf, notamos que este é um esporte não só de reis, mas de rainhas também, pois naquela época, entre os povos havaianos, não havia discriminação entre os sexos na hora de surfar. Não faz muito tempo, aqui no Brasil ele era visto como um esporte quase que exclusivo dos homens, e nem todo mundo olhava com bons olhos quando uma garota se aventurava a praticá-lo. Felizmente os tempos estão mudando, e hoje já temos várias surfer girls arrebatando nos principais spots do planeta, como Jaqueline Silva, que no ano passado faturou o WQS. Essa mudança dos tempos fez com que brincadeiras de meninos se tornassem também diversão para as meninas. Até mesmo o futebol entrou nessa onda, logo o surf não poderia ficar de fora. Ninguém mais se espanta de ver uma menina com uma prancha deslizando na beira do mar. Em vez de estranhar, as pessoas ficam encantadas com a graça e a leveza de uma menininha que passa sorrindo se equilibrando sobre a onda. Os papais surfistas ficam cheios de orgulho e já se prontificam a ensinar as primeiras manobras. As irmãs Alana (8 anos) e Nicole Pacelli (10 anos) começaram muito cedo, pode-se dizer que mesmo antes de nascerem já estavam surfando, pois são filhas do casal surfista Flávia Boturão (campeã de bodyboard) e Jorge Pacelli. O pai sempre curtiu ondas grandes e já rodou o mundo em surf trips, Flávia ia junto e mandava ver também. No primeiro ano de vida, as meninas foram colocadas sobre uma prancha e empurradas pelos pais. Antes de completarem 4 anos, já estavam surfando sozinhas. Foi quando Jorge passou suas primeiras instruções. "A primeira coisa que eu ensinei para elas foi que não se assustassem com a espuma e a correnteza, e procurassem manter a calma em momentos críticos", diz ele. "Quando elas aprenderam isso, comecei



Nicole, Alana e Kaena, foto Silvia Winick



Alana Pacelli - Foto Silvia Winick



Kaena Brandi - Foto Silvia Winick

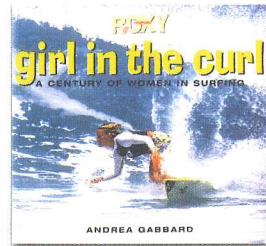


Maria Carolina, Hanalei Bay - Foto arquivo pessoal

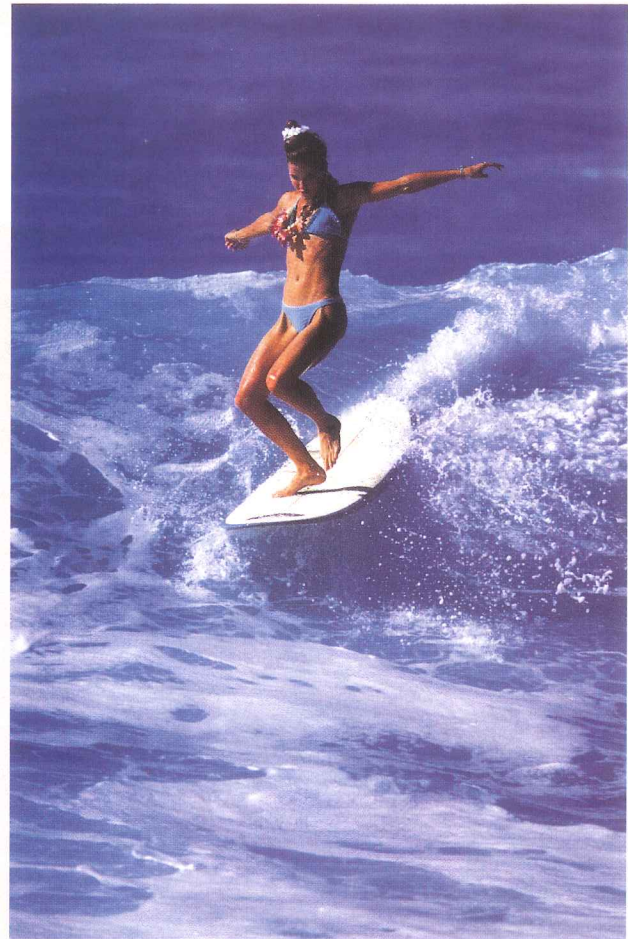
a mostrar a primeiras manobras, e hoje elas estão arrasando na categoria Petit, em competições no Gaurujá e em Maresias (São Sebastião)." Kaena Brandi tem 8 anos e é filha dos surfistas Murillo Brandi e Tina. A família mora no Guarujá, no conhecido edifício Sobre as Ondas. Murilo, também um big-rider, tinha um canhão de 14 pés, e sentindo a afinidade de Kaena a iniciu nessa prancha aos 2 anos de idade. "Eu brincava com ela ali em Pitangueiras, considero essa praia muito boa para iniciar uma criança, porque não tem quebra-coco", conta ele. "À medida que ela foi aprendendo a remar e a se virar melhor com a prancha, eu procurei levá-la para outros lugares, a fim de que ela sentisse melhor com funcionam as coisas." Aos 7 anos, começou a pegar onda sozinha, herdou uma 3'8 descascada do irmão Nathan e mandou tão bem que hoje já tem sua própria prancha. Ela treina todos os dias em frente ao Sobre as Ondas, e este ano vai participar do seu primeiro campeonato sem ajuda. Maria Carolina Fontenelle C. Cavalcanti tem 5 anos e é filha do nosso editor. Iniciada cedo na arte de deslizar sobre as ondas, ela já possui um currículo de fazer inveja, pois esteve três vezes no Hawaii, onde experimentou as ondas de Puena Point e de Hanalei Bay. Maria mora no Rio, e sempre que pode está praticando na Prainha ou em Saquarema, nos fins de semana. Seu maior ídolo no surfe é Rosaldo Cavalcanti, ou seja, o papai mesmo, afinal foi ele que a ensinou a surfar. Apesar de novinha, ela não tem medo do mar, mas já aprendeu a respeitá-lo. Sua maior alegria é surfar ao lado do pai. Quando crescer, ela que continuar surfando e dançar balé. Tem a ver! Aqui na Redação, em São Paulo, também temos nossa "kaikamahine": é Isadora Andreatta, de 11 anos, filha do fundador da nossa revista, Romeu Andreatta, um surfista que despreza as merrecas. Isadora, como todas as outras garotas, começou aprendendo com o pai. O aprendizado foi demorado, pois, morando em São Paulo, ela só podia surfar quando os pais desciam para litoral. Este ano Isadora ganhou uma prancha e com ela conquistou suas primeiras ondas sem ajuda. "Foi em Ibraquera (Santa Catarina), quando a gente passou o Ano-Novo. Foi muito legal, acho que agora vou surfar para a vida toda", conta ela, sorrindo, ao lembrar a emoção. A prima de Isadora, Paola, 9 anos, filha do surfista Alexandre Andreatta, tem uma história



Isadora acima e Paola Andreatta ao lado, fotos arquivo pessoal



Um histórico completo sobre a levesa do surf feminino você poderá encontrar no livro **Girl in the Curl**. sealpress@sealpress.com



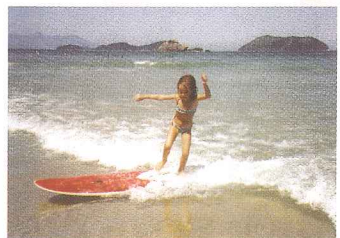
Girl in the Curl, foto Jim Russi



Bianca Rebello, foto arquivo pessoal



Luna Rebello, foto arquivo pessoal



Paola Leme, foto arquivo pessoal

diferente. Apesar do pai surfista, a vontade de surfar nasceu da sua turminha na praia da Baleia (São Sebastião), litoral norte paulista. "Todos os seus amiguinhos estavam começando a surfar", conta Francesca, sua mãe. "Apesar de ser a única menina da turma, ela não se intimidou, e nas férias pediu para fazer aulas na escolinha ali da praia. Em pouco tempo, já estava surfando. Algum tempo depois, ela pediu ao pai sua primeira prancha, e está apaixonada pelo esporte, sempre folheando as revistas do pai em busca de novidades. E olha que ela não tem nem um ano de surf!", conclui a mãe. O dentista e surfista Quincas Rebello tem um vasto histórico de surf trips ao redor do planeta, e contagiou suas filhas com a febre do surf. De tanto ver o tamanho do sorriso estampado na cara do pai ao sair do mar, a pequena Bianca, então com 4 anos, pediu para aprender a surfar. Aos 7 anos já estava se virando sozinha, ganhando sua primeira prancha. Hoje está com 10 anos, e todos os fins de semana, religiosamente, vai surfar na praia de Juqueí (São Sebastião), litoral norte paulista. Sua irmã Luna, de 9 anos, veio no vácuo. Segundo Quincas, ela tem uma incrível aptidão para o esporte, dona de um alongamento invejável. A pequena Paola, de apenas 4 anos, é filha do surf rider Roberto Leme, que por sua vez é amigo de Quincas e também vizinho em Juqueí. Logo, Paola está sempre junto de Bianca e Luna. Apesar de ser a caçulinha da turma, ela não se faz de rogada e se equilibra muito bem em cima da prancha. A foto que mostramos aqui, ela levou para a escola para mostrar aos coleguinhas. Teve gente que não acreditou que era ela. E você acredita!



Mais América em Menos Tempo

- Mais destinos
- Mais frequências
- Mais conveniências
- Mais tecnologia
- Melhores serviços
- Mais pontualidade

GRUPO TACA

WWW.TACA.COM

Para mais informações: (55 11) 3214-4922 / 3214-2922

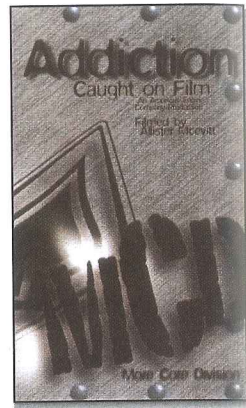
A THE SURF TRAVEL CO. e Grupo TACA levando você aos melhores destinos.



Al.dos Jurupís, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001
Tel : 55 11 5052-4181 - Fax : 55 11 5051-0525
surftravel@surftravel.com.br - www.surftravel.com.br

N ó s s a b e m o s o n d e e q u a n d o

Addiction Caught on Film



Extraído do acervo de vídeos MCD, o filme, focado no modo de viver de um dos atletas mais polêmicos do cenário mundial, traz a essência da personalidade de Matt Archbold. Praticamente nascido em San Clemente, Califórnia, e criado no mais puro estilo californiano, Matt não pôde evitar o surf, que acabou se tornando válvula de escape e forma de extrapolar seus limites. O filme apresenta depoimentos de amigos de infância e relatos sobre a época em que Matt se jogava dentro de seu carro com "tudo" que tinha, alimentava-se do surf e exalava adrenalina em suas manobras aéreas ainda inexploradas na época. Matt incorporava o real espírito de San Clemente. Com cerca de 35 minutos e uma trilha sonora bastante variada, é mais uma boa opção para quem procura ação, manobras radicais e uma injeção de adrenalina!



PROJETO MARAZUL Corpo e mente saudáveis, orientados por especialistas

O surfista Marcelo Babogluian, que há mais de 20 anos é assíduo freqüentador da praia de Itamambuca, em Ubatuba/SP, e também é médico, aliás dos mais conceituados, acaba de desenvolver o Projeto Marazul: um centro de medicina esportiva dedicado à promoção da saúde, prevenção de doenças, melhoria da qualidade de vida e da performance esportiva. Especialista em medicina esportiva, Marcelo desenvolveu um método de treinamento que potencializa

a performance dos atletas. Ministrado por uma equipe multidisciplinar formada por médicos, nutricionistas, psicólogos, dentistas, educadores físicos e terapeutas, oferece toda a tecnologia para a melhoria dos aspectos de saúde física e mental. Alguns surfistas já sacaram a qualidade do projeto e aderiram. Entre eles, estão nomes de peso, como Renan Rocha e Danilo Costa (representantes do Brasil no circuito mundial), Romeu Bruno e Silvio Mancusi (big-riders integrantes do power surf team, equipe que desafia ondas gigantes ao redor do mundo), Adriano Mineirinho (campeão brasileiro amador) e Rony Bonetti (campeão universitário). O Projeto Marazul é para todas as idades, não importando em que condição física a pessoa esteja. Se você se interessou, entre em contato com eles: Projeto Marazul - R. Major Natanael, 103, Pacaembu - São Paulo-SP, fone: (11) 3237-3939. Ou visite o site: www.projeto-marazul.com.br.

Foto: Kin Kimoto



Renan Rocha, Pipeline

PRORIDER
PRORIDERSUNGLASSES.COM.BR
www.prorider.com.br
prorider@prorider.com.br
www.proridersunglasses.com
(0XX11) 3832-90

WAVE LOCH QUER CONSTRUIR PISCINAS DE ONDAS NO BRASIL

Em breve o Brasil deverá ter sua primeira piscina de ondas. A Wave Loch, empresa que detém esse tipo de tecnologia, está buscando parceiros no Brasil para realizar a empreitada. O projeto vai trazer para o país o conceito de Wave House. Na África do Sul, onde o projeto já foi implantado, a tecnologia para a criação de ondas artificiais é um sucesso. Cadu Vilella, ex-diretor executivo da ISA (International Surfing Association), é o representante da Wave Loch no



Brasil. "O projeto conta com um centro destinado a esportes radicais: surf, skate, kitesurf, windsurf e wakeboard. Se tudo der certo, a primeira Wave House será inaugurada no interior de São Paulo, e, no final do ano, deverá ser aberta uma filial no Rio

de Janeiro." Segundo Cadu: "O investimento será de cerca de 5 milhões de dólares, enquanto o faturamento anual está estimado em cerca de 60% desse valor". A expectativa de retorno do capital investido é de no máximo três anos. A Wave

House vai ter cerca de 6 mil metros quadrados, piscinas artificiais com 20 metros de comprimento e 15 metros de largura, quatro bombas hidráulicas submersíveis de 250 cavalos, capacidade para 500 mil litros d'água e ondas de até 2,50 metros de altura.

Uau! É ver para crer. Para freqüentar o local, as pessoas podem fazer parte de uma espécie de clube. O local terá, além das ondas, pistas de skate, restaurantes, bares, nightclub, lojas, estúdio de TV e palco para shows. Um verdadeiro centro esportivo para esportes radicais indoors.

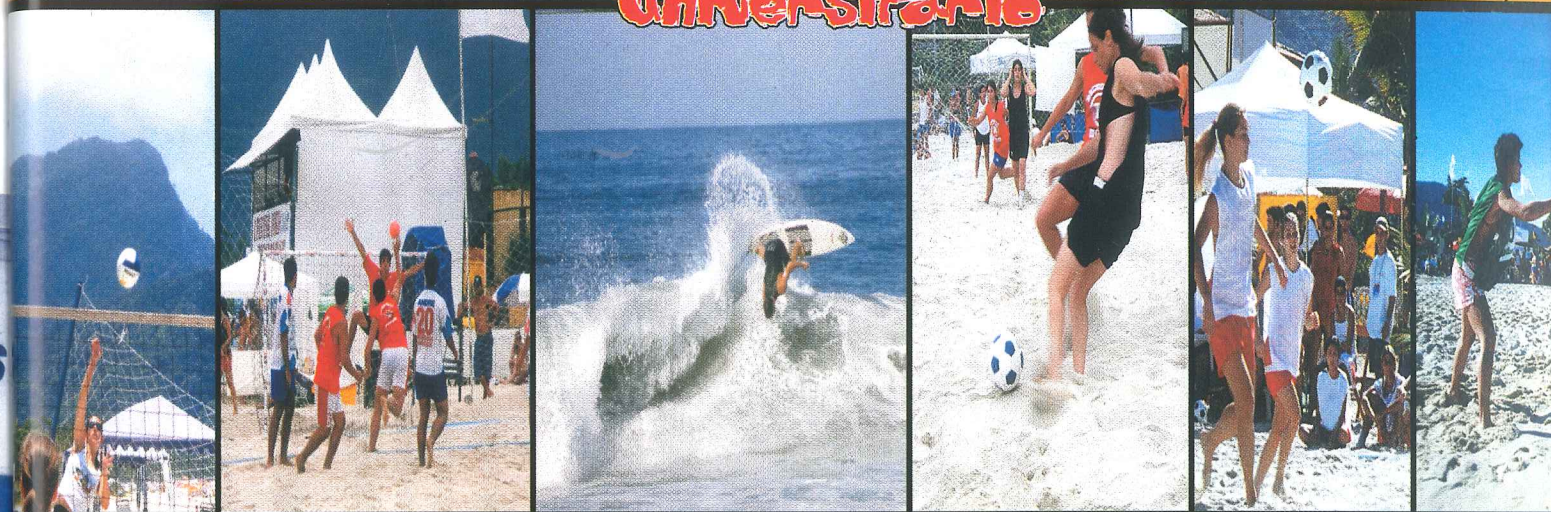
Como se isso tudo não bastasse, a Wave House contará com um novo sistema de transmissão de dados para telefonia móvel. Os freqüentadores que tiverem telefone celular poderão utilizar o serviço, que será cobrado na conta telefônica.

A Wave Loch já deu início às negociações com a multinacional Siemens visando a implantação do projeto no Brasil.



RENAULT BEACH GAMES®

2002
universitário



todas as informações no site oficial

WWW.BEACHGAMES.COM.BR

18 e 19 de maio

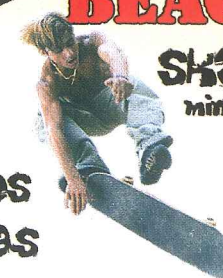
Maresias - São Sebastião

premiação

troféus, medalhas, kits e passagens aéreas rio sul

o festival do surf será aberto para todas as universidades do país

arena BEACH GAMES®



skate

mini-amp no local aberto ao público

as 16 maiores atléticas de SP

garota beach games



shows com as bandas

concrete blonde cover • mississippi • kingsize hardcore

FAÇA UM TESTE DR RENAULT NO DIA DO FESTIVAL E GANHE UM BÔNUS

inscrição para o surf 5183 8366

local - av. Francisco Loup, 1.557 - infoline: 0449 8212 ou 5183 8366

COBERTURA EXCLUSIVA

REALIZAÇÃO

CO-PATROCÍNIO



Por Tim Baker
Tradução Andréa Bacellar



UMA CARTA ABERTA PARA A COMUNIDADE DO SURF

SURF-AID ILHAS MENTAWAI



Foto Flavio Vicigal

OK, já basta. Desculpem-me,

mas não posso engolir mais uma só história sobre surf trips nas ilhas Mentawai (Indonésia), nas quais saudáveis surfistas profissionais ficam bêbados e jogam ovos nos barcos vizinhos, em meio ao surf de perfeitas ondas e tendo suas necessidades prontamente atendidas pela tripulação de indonésios. Esse é um país onde as pessoas passam fome. Na realidade, os moradores dessas ilhas morrem, em um número alarmante, de doenças que podem ser facilmente prevenidas, como tétano, malária e diarreia. Bombardear uns aos outros com ovos nessas circunstâncias é muita insensibilidade. No último caso ocorrido, um grupo de surfistas profissionais, bêbados de tequila, pegou um balde de sardinhas cuidadosamente pescadas pela tripulação

e lançou-as como se fossem mísseis. Vocês podem imaginar como isso é encarado pelos locais? É um insulto para essas pessoas, que vêm a chance de sobrevivência na morte de uma galinha. O que elas devem pensar ao nos verem atirando comida uns nos outros enquanto elas mal podem alimentar suas famílias? Enquanto isso, há dois anos uma dupla de surfistas da Nova Zelândia, o Dr. Dave Jenkins e Andy Griffiths, abriu mão de sua carreira bem paga e do sucesso para trabalhar arduamente e sem remuneração tentando aliviar o sofrimento e as mortes desnecessárias da população de Mentawai. Eles estão distribuindo redes e imunização contra mosquitos, dirigindo clínicas médicas, providenciando

medicamentos e treinando trabalhadores saudáveis, tudo com recursos limitados e nas mais difíceis condições. A organização deles, Surf-Aid International, foi altamente reconhecida por outras, como a Organização Mundial de Saúde, CARE Australia e Lonely Planet Publications, pela qualidade de seu trabalho e pela grande importância do que estão fazendo para aliviar o sofrimento e reduzir as mortes em Mentawai. Logo, seria de se esperar que a comunidade surfística fosse apoiar e aprovar essas ações humanitárias. A indústria do surf ainda os evita, as revistas de surf os ignoram. Os executivos das grandes marcas recusam retornar suas ligações ou dar algum bom suporte. Eu tentei publicar alguns artigos em uma grande revista americana sobre as incríveis conquistas da Surf-Aid, mas ouvi do editor que seus leitores não têm interesse em Mentawai. Porém, após alguns meses, essa mesma revista estaria organizando seu próprio evento nas ilhas, dedicando para tal quase uma edição inteira, e frisando que seria um grande acontecimento para a história do surf profissional. Tudo sem mencionar uma só vez a Surf-Aid ou o fato de existir uma população tão carente naquelas ilhas. Não posso mais ficar sentado assistindo à falsidade da maioria dos surfistas, com sua ignorância e falta de humanidade, cegos pelo interesse próprio. Em que nos transformamos? Não temos compaixão? Algumas pessoas do surf ofereceram ajuda à Surf-Aid, mas é preciso muito mais. Esta é uma indústria rica, que

se beneficiou incrivelmente dessas ilhas, e já é tempo de oferecer algo em troca. Peço a todos os surfistas que examinem a consciência. Vi fotos de pessoas morrendo de cólera, e a família assistindo sem poder fazer nada devido à falta de medicamentos básicos que poderiam salvar essas vidas. Mais de 50% das crianças morrem antes dos 5 anos em determinadas áreas. E nós sentamos em nossos luxuosos barcos fretados, a apenas alguns metros, com ar condicionado, DVD, cerveja gelada, e ainda reclamamos que o surf está crowd ou pequeno, ou que a comida está muito apimentada, ou o tempo inclemente. Acordem, surfistas de todo o mundo. Olhem para dentro do coração. Será que podemos continuar visitando e explorando esse lugar sem estender uma mão de amizade e ajuda a esses habitantes? O trabalho da Surf-Aid é totalmente dedicado a ajudar o sistema de saúde sem recursos de Mentawai; não são estrangeiros ocidentais impondo suas idéias do que é melhor. Me parece que nos tornamos tão cínicos que não conseguimos compreender as pessoas que fazem as coisas simplesmente porque acreditam que é o melhor a ser feito. Mas Dave, Andy e a equipe da Surf-Aid são almas verdadeiras, suficientemente envolvidos para saber que o caminho para o grande crescimento espiritual, e a verdadeira felicidade, está em dar ao próximo, servir a humanidade, sem acumular fortuna ou ter sua foto publicada na primeira página de uma revista. Você pode encontrar mais informações sobre a Surf-Aid no site www.surfaidinternational.org. Sinceramente,

Tim Baker
Currumbin, Queensland,
Austrália

O que é a SURF AID INTERNATIONAL



Foto Scott Doney



Foto Flavio Vicigal

Criada em janeiro de 2000 pelo surfista e médico David Jenkins, a Surf-Aid International é uma organização não governamental dedicada a melhorar a qualidade de vida e dar suporte médico aos nativos dos surf spots mais isolados. A idéia surgiu durante uma viagem de férias de David às ilhas Mentawai (Indonésia), quando lhe chamou a atenção o contraste entre o prazer de surfar ondas alucinantes ou deitar em um luxuoso iate e a tristeza de ver, a 100 metros de distância, adultos e crianças vivendo com a doença e a morte.



Dr. David Jenkins

Então, em uma parceria de David com Andrew Griffiths, que também ficou tocado ao ver o sofrimento daquelas pessoas, a Surf-Aid tomou forma. Um ano depois, Dave, mais conhecido por "Needles" (que significa "agulhas" - apelido bem apropriado para um médico), e Andrew já haviam deixado sua vida para trás para se dedicar em tempo integral às ilhas Mentawai. Auxiliados pelos locais Jossi, Dewi e Erfina, eles formaram um pequeno time de profissionais que, junto a voluntários nativos, criou um programa estratégico de longo prazo (10 anos) para as ilhas. Porém, a Surf-Aid não pára por aí; o Mentawai Health Project é só o projeto inaugural da organização, que no futuro pretende melhorar as condições de vida em outros picos de surf, dando assistência médica e ajuda humanitária.

Prioridades:

- * Foco na prevenção de doenças e na educação em relação a elas. Exemplo: imunizações, prevenção da malária através do uso de telas e repelentes contra mosquitos.
 - * Treinamento de nativos saudáveis para ajudar no projeto.
 - * Disponibilização de subsídios para os nativos.
- A Surf-Aid acredita que cada um que esteja envolvido com a cultura do surf, seja lendo, escrevendo ou anunciando em uma revista, assistindo ou produzindo vídeos, vendendo ou vestindo uma marca, tem muito em que ajudar essas pessoas. Muitos surfistas se importam, mas poucos realmente ajudam. Em qual desses tipos você se encaixa? A Surf-Aid abre esse acesso para aqueles que querem ajudar.

Mais informações no site www.surfaidinternational.org

OBRAS NO RIO PREOCUPAM A COMUNIDADE DO SURF

Aviões



Três obras que estão sendo feitas no litoral do estado do Rio de Janeiro vêm preocupando os surfistas. Um quebra-mar em Saquarema, o pier da Barra da Tijuca e as obras de saneamento da praia de São Conrado. Todas essas obras vêm mantendo os surfistas em estado de alerta. Um deles é o rapper Gabriel O Pensador. Morador de São Conrado, onde começou a surfar e até hoje é figurinha carimbada no pedaço, o Pensador está preocupado com os resultados das obras. "Primeiro foi divulgado que elas acabariam com os problemas de língua negra e de esgoto, lançado, sem tratamento, direto no mar. Mas agora que as obras estão prestes a acabar, descobrimos que não vai ser bem assim." Gabriel tem razão. As obras não vão mesmo dar fim ao problema que já deixou alguns surfistas literalmente doentes. É o caso de Cacau Falcão. Velho morador de São Conrado e membro do staff da Surfrider Foundation Brasil, Cacau já contraiu hepatite enquanto surfava no canto direito de São Conrado. "Tenho representado a Surfrider em algumas reuniões que vêm acontecendo depois que o Gabriel denunciou a situação", explica Cacau, que acredita que as autoridades estão interessadas em melhorar a situação. A atuação de Gabriel foi fundamental nessa questão. Figura querida e carismática, Gabriel descobriu que até o secretário estadual de Meio Ambiente, André Corrêa, era seu fã. "Eles prometeram que vão estudar uma solução para o problema", acredita o Pensador. A solução definitiva seria a construção de uma espécie de "mini-emissário submarino", que despejaria o esgoto tratado no mar, bem longe da praia e dos



Rio de Janeiro



Foto Ricardo Inoue, Barra da Tijuca

surfistas. "Isso eles não vão fazer. O governo alega que essa é uma obra cara e que não tem dinheiro para isso", lamenta Gabriel. Na real, apesar da melhora prometida pelo secretário André Corrêa, o problema vai continuar nos dias de chuvas fortes, quando as galerias pluviais serão inundadas, e o esgoto vai continuar sendo despejado no mar. Na Barra da Tijuca, a polêmica anda por conta da recente paralisação das obras do emissário submarino. O pier que está sendo construído na altura do novo Leblon pode acabar se transformando num imenso elefante branco para o governo. E o pior não é isso. Por conta de uma aliança mal planejada, Benedita da Silva, do PT, se tornou vice-governadora do Rio. Agora, com a saída do governador Garotinho, que vai concorrer a presidente da República, quem vai ser responsável pelo final do mandato e das obras é o PT. A maratona de inaugurações que vem marcando a reta final do governo Garotinho está deixando muita gente preocupada com os boatos que apostam que vai faltar dinheiro para o estado honrar seus compromissos. Vamos torcer para que isso não aconteça. O problema da poluição das praias e das lagoas da Barra da Tijuca é antigo, e sem a construção do emissário nunca vai ter solução. Enquanto isso, em Saquarema está sendo construído um quebra-mar de pedras, na praia de Itaúna, bem ao lado da igreja. O novo "point" tem potencial para fazer quebrar uma onda boa, principalmente nos dias de vento do quadrante sul. Mas até que ponto a construção do quebra-mar vai afetar o fluxo de areia que alimenta o fundo de Itaúna? Bem, isso ninguém sabe. Estaria a melhor onda do Brasil em perigo? Para Jeremias da Silva, o Mica, local de Saquarema, o quebra-mar não deve afetar a qualidade das ondulações que costumam quebrar em Itaúna. "Acho que pode até dar umas ondas boas ao lado do quebra-mar. Mas quero ver o que vai acontecer quando começarem a chegar os primeiros swells de inverno." Mica está se referindo às grandes ondulações que costumam atingir as praias de Saquarema durante os meses de inverno. São ondulações oceânicas que se encontram entre as maiores da costa brasileira. Ondas com mais de 10 pés de altura que podem facilmente espalhar as pedras que estão sendo usadas para construir o quebra-mar. A possibilidade de que isso aconteça é grande, e só mesmo no final do inverno é que vamos saber o que de fato ocorreu. Até setembro.

Foto Beto Paes Leme

lulilui@lulilui.com.br

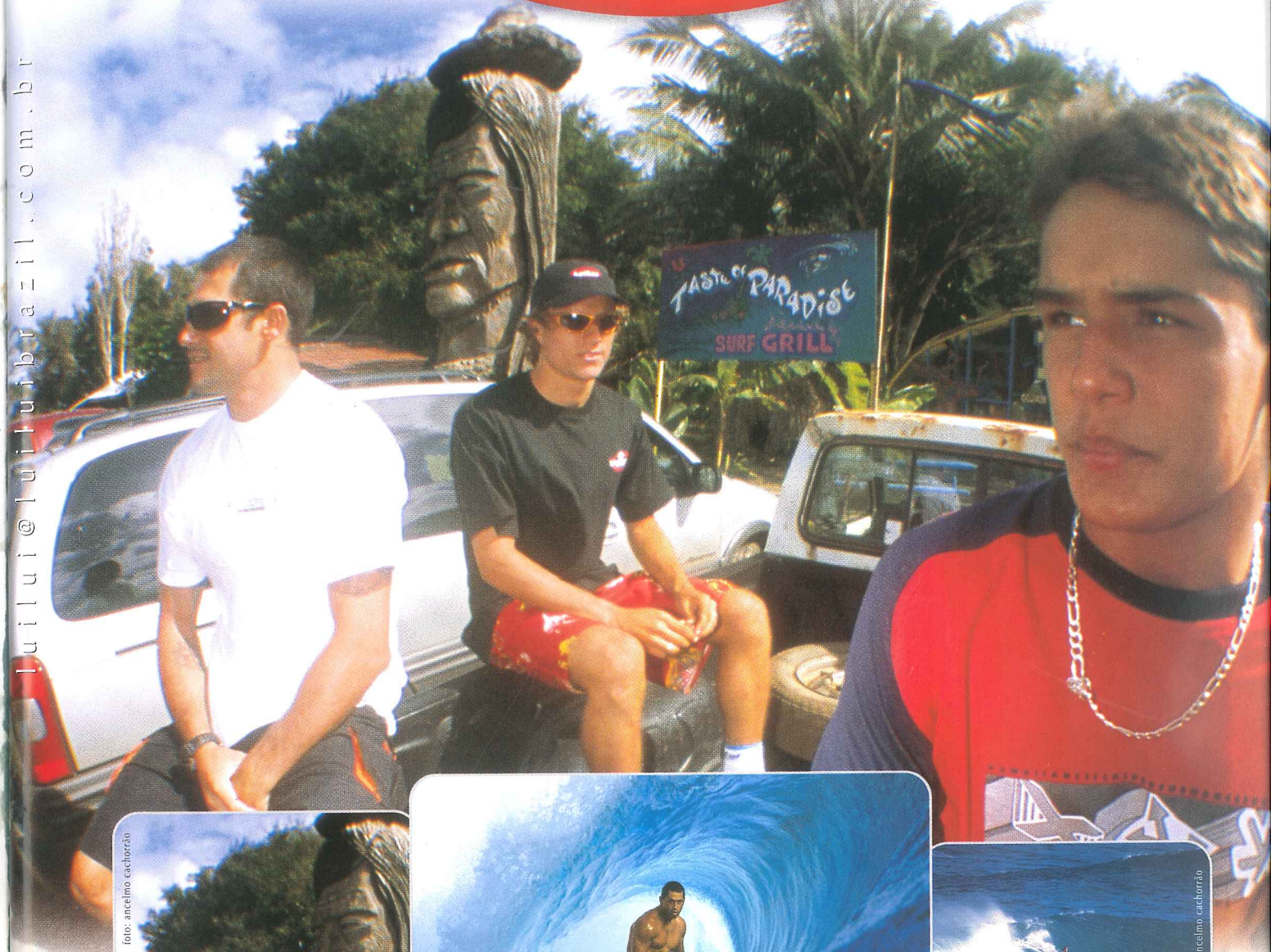


foto: ancelmo cachorrão

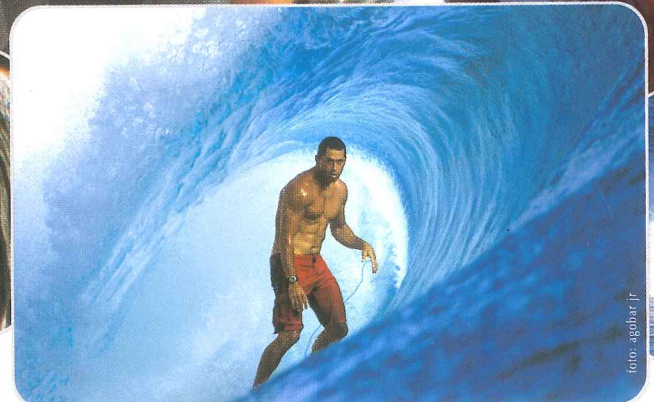


foto: agobar jr

EVERALDO "PATO" TEIXEIRA



j a w s

BAD BOY



WORLD CHAMPION



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★
Tow In - Jiu Jitsu - Vale Tudo


Brazilian Champion
Surf - Jiu Jitsu - Vale Tudo - Skate



Central de Vendas-11-5584-6316



Franquias-Supplements - Fitness - Fight
11-5584-6316 ramal 241